

AUTORES & LIVROS

31/5/82
ANO 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11
Dúm. 14

Notícia sobre Antero de Quental

ANTERO Tarquino de Quental nasceu em Ponta Delgada, ilha dos Açores, em 13 de abril de 1845. O filho do distinto engenheiro André da Ponte Quental, e de Maria de Almeida e da Silva, filha de um rico comerciante de Coimbra.

Em 1860 tornou-se conhecido entre os universitários de Coimbra e mesmo do grande público, por ter iniciado a publicação dos seus trabalhos. E depois uma publicação de sua poesia "A História". No ano seguinte, publica o "Soneto de Antero", que já traziam alguma coisa de novo à poesia e raquítica poesia lusitana.

Já a esse tempo, segundo observa Mendes dos Remedios, ele escrevia sobre sua geração "uma espécie de magistratura moral".

Aos 20 anos, seu nome saía do círculo dos estudantes e se projetava sobre todo o país. Visitava Coimbra o Príncipe Real da Itália, que depois foi o Rei Humberto, e Antero o saudou. Em um discurso disse estas palavras: "Os estudantes da Universidade de Coimbra saudam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de Carlos Alberto; a mocidade liberal portuguesa saúda, em nome da liberdade do mundo católico, o filho de Victor Manuel. Não é ao representante da casa de Saboia, que vimos prestar homenagem, é ao filho do primeiro soldado da independência italiana..."

Essas palavras causaram sensação no velho Portugal. Percebeu-se que uma voz revolucionária estava começando a falar.

Em mais ou menos nessa fase que Eça de Queiroz o encontra na Faculdade de Direito, debruçado para os colegas atônitos, com a sua alourada barba, a sua majestade e o seu olhar de profeta, versos consideráveis, nos quais Deus, ao ordenando os santos e os reis, se convertera com Garibaldi.

Também nessa fase que ele funda, com três ou quatro companheiros a Sociedade do Raio, que ficou famosa.

Em 1861 é Antero bacharel em Direito. A carta pouco o atrai, dedicando-se ele inteiramente à sua vocação de homem de letras, e principalmente aos seus trabalhos de poeta. Data de 1865 sua polémica com Antonio Feliciano de Castilho, polémica que ficou famosa com o nome de Quental Coimbra, nos fatos da história literária de Portugal. Essa guerra de homens de letras consumiu papel e tinta infinitamente. Para mais de quarenta opusculos foram escritos no decorrer dela. Por ela bateram-se em duelo Antero de Quental e Raimundo Correia.

No decorrer da "Questão Coimbra", Antero publica o seu livro o opusculo "Bom Senso e Bom Gosto", e, mais tarde, "A dignidade das letras e as literaturas oficiais".

Desse período efervescente foi que lhe adviço, talvez, o gosto pelas discussões políticas. Dali ter ele tomado parte nas conferências do Casino, pronunciando, em 1871, a Conferência sobre as "Causas da Decadência

dos povos peninsulares nestes últimos séculos", trabalho cuja tese central consistia na demonstração de que a atual decadência de Portugal é devida à Monarquia e ao Absolutismo. O marquês de Avila proibiu, de acordo com o Legislativo Português, tais conferências. Quental indignou-se com essa proibição e dirigiu ao governo violenta carta de protesto.

Tamamha desilusão desencantou-o, de todo. Ele retirou-se da vida pública, e empreendeu uma viagem aos Estados Unidos.

Regressando a Lisboa, ali encontrou os ambientes literários agitados. O velho Castilho havia publicado o seu "Fausto", tradução de Goethe, e aventurara-se a tão considerável empreza sem conhecer o alemão. Sua obra, assim, saíra frágil e defeituosa, enfiada, de vez em quando, pela dura chalaça portuguesa.

Antero de Quental entra na lida, produzindo uma demonstração curiosíssima sobre o caráter intrinsecamente português de Fausto de Castilho, e mostrando, na versão do velho poeta lusitano, o poema de Goethe perdera por completo o seu caráter germânico e romântico.

Já a esse tempo se havia apoderado dele uma profunda neurastenia, neurastenia que enegrecia a sua alma de um estranho e trágico pessimismo. O poeta, atormentado por tantos sofrimentos, vai ao consultório dos médicos, notando-se entre estes o dr. Charcot. E' lhe aconselhado o repouso, a tranquilidade. E se retira para a ilha natal, indo residir entre gente modesta e obscura.

Em 1869 graves acontecimentos ocorrem em Portugal. Salisbury envia ao governo do país o seu famoso "ultimatum", e a alma lusitana vibra de indignação e protesto. Quental abandona Vila do Conde, e vai por-se à frente da juventude de sua pátria. E' novamente a perspetiva ampla da política e da ação que se abre diante dos seus olhos. E' ele então eleito presidente da Liga Patriótica do Norte. Tudo fracoza, no entanto. O poeta — mais triste, mais desiludido, mais enegrecido de dor e de pessimismo, — regressa à sua ilha, à paz e à obscuridade de sua gente.

Dali, no dia 11 de setembro de 1891, uma noite terrível abala o mundo por... e todo o resto da terra, onde quer que haja um homem que ame a poesia e o pensamento; e a notícia do suicídio do poeta. Antero pusera termo a vida com uma bala de revólver...

Tal foi, em traços muito gerais, a vida do grande poeta português, cujo centenário passamos este ano.

"Autores e Livros" não quis conservar-se alheio às comemorações dessa data. E em nosso número de hoje o leitor encontrará uma ampla antologia de trabalhos de poesia e prosa de Antero de Quental.

Nosso desejo seria ter dado hoje, dedicando-o a Antero, um suplemento duplo. Tal não nos foi possível, e é assim que na próxima semana ainda a ele dedicaremos as páginas de "Autores e Livros". Hoje teremos

principalmente o Antero poeta; no próximo domingo teremos, sobretudo, o Antero prosador — uma autóglia, uma amostra do másculo, considerável prosador que existiu nele.

Nestes dois números do nosso suplemento, daremos igualmente, uma farta contribuição de estudos sobre Antero. Assinam alguns desses estudos contemporâneos do poeta, como Eça de Queiroz e Oliveira Martins; assinam outros críticos e poetas portugueses e brasileiros do momento atual.

Aos que se surpreenderem de que dediquemos a um escritor estrangeiro dois números deste suplemento, poderemos responder que não houve nenhum exagero de nossa parte.

Antero de Quental é, evidentemente, um dos homens mais importantes da cultura lusobrasileira. A contribuição que ele deu ao pensamento e à arte escrita de Portugal e do Brasil foi incalculável e ainda hoje permanece. Muitos dos nossos poetas de primeira ordem receberam dele o influxo, numa mais clara, noutros mais diluído. Sentimos Antero em Cruz e Souza, em Afonso de Guimaraens, em Raimundo Correia, em Ronald de Carvalho, em Augusto dos Anjos, em Raul de Leoni, no Bilete da última fase, em vários dos nossos mais característicos poetas atuais. Conciente ou inconcientemente, sua presença está neles.

Mas não é somente essa influência direta sobre a nossa literatura que determina aos nossos olhos a extrema importância de Antero de Quental. Verificamos que essa importância é extrema quando consideramos os numerosos meios indiretos como ela se fez e se faz ainda hoje sentir em nosso espírito.

Com efeito, Antero de Quental foi, propriamente, o espírito da Revolução, encarnado em um homem e agitando os tranqüilos arraisas espirituais de Portugal. Quando ele surgiu o velho reino movia, na pasmaciosa lórpa de seus escritores bolorentos, de seus bolorentos poetas, Antero trouxe a vossourada salutar que agitou tudo...

Mais velho do que os outros grandes valores da sua geração — Oliveira Martins era de 1845, Eça era de 48, Junqueiro era de 50 — Antero profundamente influído sobre eles, foi para eles uma espécie de mestre, sempre acatado e sempre ouvido. Foi ele, por assim dizer, o abridor de caminhos, o orientador espiritual dos seus amigos. Até no estilo — no estilo modelar de um Eça de Queiroz, por exemplo — sentimos a grande força com que atuava Antero.

Ora, sobre o espírito das gerações brasileiras dos fins do século passado e dos começos do atual século foi considerável, e acaso ainda hoje perdura, a influência desses escritores portugueses, ou pelo menos a de alguns deles.

Por tudo isso é que atribuímos a Antero de Quental uma significação tão particular, na evolução das idéias literárias e filosóficas em Portugal e também no Brasil. E é por isso que lhe tributamos homenagem especial, dedicando-lhe dois números desta publicação.



ANTERO DE QUENTAL

S U M Á R I O

PÁGINA 215:
— Notícia sobre Antero de Quental.
— Sumário.

PÁGINA 216:
— Um gênio que era um santo (Trecho de estudo), Eça de Queiroz.
— A Fé, de Antero de Quental.

PÁGINA 217:
— Evocação de Antero de Quental, de D. Milano.
— Louvor de Santo Antero, de Tristão da Cunha.
— Destino de poeta, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira).
— O Pessimismo, de Antero de Quental.

PÁGINA 218:
— Sonetos de Antero: Ignorância, Lamento, Tormento do Ideal, Aspiração, Salmo, A M. C., A Alberto Teles, A Germano Meyreles, A M. C., Desesperança, Beatrice, Amor Vivo, Visita, Pequena.

PÁGINA 219:
— Sonetos de Antero: A Sulamita, Sonho oriental, Idílio, Noturno, Abnegação, A parição, Mãe..., Na Capela, Velut umbra, Mea culpa, O Palácio da Ventura, Ideal, Enquanto outros combatem, Despondency, Metempsicose.

PÁGINA 220:
— Sonetos de Antero: A um crucifixo, Diálogo, Mais luz!, Palavras de um certo morto, A um poeta, Homo, Disputa em família, Mors liberatrix, O Inconciente, Mors-Amor, Anima Mea, Divina comédia, O Convertido, Espetros.

PÁGINA 221:
— Sonetos de Antero: O que diz a Morte, Nox, Em Viagem, Nirvana, Transcendentalismo, Evolução, Elogio da Morte, Lacrimae rerum, Vox interior, Com os mortos.

PÁGINAS: 222, 223, 224, 225, 226:
— Retrato ideal de Antero, por Cecília Meireles.

PÁGINA 226:
— O Suicídio de dois poetas, Antero de Quental e Enrique Kleist, de Ernesto Feder.

— A imensa missão de escritor, de Antero de Quental.

— Bibliografia anterior, de M. L.
— Elogio mútuo, de Antero de Quental.

PÁGINA 227:
— Remorso pela morte de Antero, de Jayme Corlesão.

— Achatamento universal, de Antero de Quental.
— Pensamentos, de Antero de Quental.
— Serenata, de Antero de Quental.

PÁGINA 228:
— Correspondência de escritores. Carta de Antero de Quental a João de Deus (fac-símile).

— Síntese de Antero de Quental (Trecho de um artigo), de Fidelino de Figueiredo.

— A Carlos Baudelaire (autos das "Flores do Mal"), de Antero de Quental.

— Pensamentos, de Antero de Quental.

— Isolamento, de Antero de Quental.

PÁGINA 229:
— Algumas poesias de Antero de Quental: Hino da Manhã, As fadas, Zara.

PÁGINA 230:
— Excertos da Carta ao Marquês d'Avila, presidente do Conselho de Ministros, de Antero de Quental.

— Saudação ao Príncipe Humberto, de Antero de Quental.

— O mundo real, de Antero de Quental.

— A elevação moral, de Antero de Quental.

EVOCAÇÃO DE ANTERO DE QUENTAL -- D. MILANO

DESTINO DE POETA - Manuel Bandeira (Da Academia Brasileira)

Que estranho destino, ser poeta. Olhemos demoradamente o rosto de um desses homens aparte; estudemos tudo quanto há de insueto e de atento nessas cabeças sempre belas, mesmo quando se trate de indivíduos doentes ou defeituosos. "O meu rosto é o da imaginação", dirão esses olhos acostumados do vago: a fronte enrugada de um Byron ou escalhada de um Flaubert exprimirá a tortura dos pensamentos arrancados com violência, ou a serenidade aparente de uma pedra encaixada pelo uso do tempo; a boca terá a expressão das palavras que não foram ditas mas escritas e a marca dos dentes mal roçados das palavras imaginárias mas reais que povoaram com suas imagens o mundo interior sem leis nem fronteiras. E' o desgraçado (ele) o homem em estado de sonho que enfrenta uma realidade de superada. O que não impede que um ou outro poeta tenha a coragem de se considerar realista. Antero de Quental resume para nós o tipo do poeta completo e perfeito.

Seu pensar a humildade do santo nem o cinismo do cético, o poeta persegue a ideia de Deus, porque não há pensamento que ajinal não se dirija para o incognoscível (seja para afirmá-lo ou para negá-lo) e não pensar em Deus é apagar do que não pensam em nada, daqueles cérebros que o pensamento deixou vazios e entregues às sugestões do nada das aparências. Estirpada a ideia de Deus ter-se-á estirpado do cérebro a razão de pensar. Mesmo sendo ateu, o poeta sente em seu crânio vacilar uma imagem difusa e surta-luz, como uma estufa de mármore transparente, porém quebrada em várias pedras espalhadas pelo chão da sala.

Deus descepo impotente e inconsciente é que nasce em alguns poetas, contrariando estranhamente o seu caráter "verbo", o sintoma "humor" que na boca de um poeta lembra sempre o riso da caveira. Não há poeta alegre, não há poesia alegre.

Por tanto esforço, tanto sacrifício sem paga (veja-se a vida interior de Camões com seus amores e heroísmos, a existência trágica de um Poe, a mocidade suicida de um Alvaro de Alencar, e mesmo nos poetas mais medíocres a tragédia de um amor falhado e insubstituível) tanto esforço e sacrifício só pode ser um castigo imposto a homens que, por um sentido muito de liberdade, ou melhor, de libertação, tanto se afastam do amor social.

Muitas vezes, consigo mesmo, tenho pensado no vazio, na inexistência, na esparsa beleza morta e não lida da poesia universal. Chegarei mesmo a empregar contra tudo isso uma expressão que destruíse e ridicularizasse esse vagoar imaginário, ou ao contrário ela ainda mais confunde e emaranha as espumas ideais: Caraminholas.

Deus, a vida eterna, a imortalidade da alma? Caraminholas... A glória, o inesquecível amor, um sentido mais puro da vida? Caraminholas... A tipalidade entre os homens, a glória dos poetas, o ideal poético? Caraminholas... O refúgio na ficção, o pessimismo sorridente dos célicos ou ao contrário a teatralidade, os joelhos na terra, a aceitação do sofrimento consciente e a grande recompensa final? Caraminholas...

Poeta aquele que possui caraminholas na cabeça deve cultuar, amorosamente como quem coleciona arquiéas, o resultado pode ser fatal. Ninguém conseguiu estirpar de um cérebro predisposto a estranha proliferação.

Consideremos o terrível momento poético que resultou no suicídio de Antero de Quental.

"Santo Antero", assim era chamado. Santo suicida, que morreu levando para o nada a ideia perdida de Deus. Seus olhos (tentando diante o seu retrato) têm um sombrio ardor. Entre as suas barbas proféticas, as palavras deviam sair como de línguas bustinas, ditas talvez por um espírito que o dominava e que ele jamais conseguiu tornar visível a si mesmo. Contemplando a sua cabeça paternal, penso na bala suicida que deltoou por terra aquela ninhada de poemas. E evoco o seu último soneto "A Virgem", cujos versos inimitáveis, que ficam para sempre gravados na memória, têm o sabor das rezas aprendidas na infância:

Num sonho todo feito de incerteza
De natureza e indizível ansiedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E' (mais que piedade) de tristeza...
Não era o vulgar brilho da beleza
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra novidade,
Que até nem sei se as há na natureza...
Um mistico sofrer... uma ventura
Feita ao do perdão, ao da ternura
E da paz da nossa hora derradeira!
O' visão, não só frias e piedosas!
Fria que assim calada, assim chorosa...
E delta-me sonhar a vida inteira!

Louvor de Santo Antero

Flora de longas solidões sem frutos
Ao reflexo de extintos universos
Os lábios segredos de teus versos
Santificam a morte dos minutos.

Rios, vaidades, ambições e lutas
Na sombra sem caminho el-los dispersos
E a alma vem dos encontros mais adversos
Condenada a criar novos redutos.

Asputando uma essência nunca vista
Nos ambíguas versões do bem e mal,
Guardas somente a mácula de perdê-las.

Mas à noite — e é a última conquista —
Buscam teus olhos de água sideral
A divina tristeza das estrelas.

TRISTÃO DA CUNHA

A esposa de um seu amigo, vendo-o certo dia brincar muito paciente com as crianças, exclamou para o marido enternecidamente: Santo Antero! Santo Antero!

Eça de Queiroz chamou-lhe "um gênio que era um santo".

Guerra Junqueira escreveu que "nele havia em germe, um santo, um filósofo e um herói".

Todos admiravam em Antero de Quental o filósofo, o santo, o poeta. Mas todos sentiram que o verdadeiro destino dele era a poesia.

Todos, menos ele. Quando perdeu aquilo a que chamou "os seus cristais de Poeta" — os cristais eram a fé, a crença, a confiança — julgou encontrar na ideia da Revolução aquilo que o seu temperamento místico pedia. A desilusão, porém, não tardou. Deixou de ser revolucionário? Não. Mas a bela imagem da justiça social, entrevista na sua idealidade, transportou-a ele à regiões mais altas, altas demais para não serem serenas. Isso é, transportou-a para os domínios da poesia.

Lá, por onde se perde a fantasia No sonho da beleza, lá onde

A noite tem mais luz que o nosso dia...

Na crise de consciência, em que, diante de si mundo deserto de deuses, ao via e ilusão e o vazio universal, aquela pequena voz que protestava e afirmava o Bem, inclinou-o, cada vez mais de modo absorvente, a meditar sobre o destino do homem e do universo.

A meditação foi uma longa luta, e o combatente só descançou ao se considerar senhor de um sistema.

Esse poeta que confessou por escrito nunca ter pretendido ser poeta; que, nos últimos anos da existência, verdadeiramente se pressava de toda a sua obra literária, meia dúzia de sonetos, dos últimos, os únicos que lhe pareciam ter "a nota exata e sã"; esse poeta, esse intenso poeta considerava-se candidamente, porque era um puro, considerava-se um filósofo, e que filósofo? o que teria dividido "a direção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a divina bússola do espírito humano". E estava certo de que o progresso das ciências físicas, qualquer que ele fosse, havia de se fazer dentro do quadro do seu sistema e não viria senão confirmá-lo, cada vez mais, a solidão indelével da sua construção!

Foi a única ilusão com que desceu do encantado Palácio. Não queria ser poeta, quando tudo nele gritava que o era, e com que grandezas!

"Não pretendi fazer uma obra literária, mas outra coisa a que dou mais valor", escreveu a um amigo, a propósito dos "Sonetos Completos". "Meti neles", falava dos sonetos da última fase, "o melhor da minha filosofia, a espera do dia em que a possa desenvolver largamente a em boa prosa".

Ora, o Antero se pode aplicar o que recentemente um crítico francês disse de Valéry, a saber, num e noutro encontramos no mais alto grau a característica mesma dos poetas, que é pensar por imagens, antítese de faculdade filosófica. Na sua imaginação, aquela imaginação que ele dizia, repetindo um verso de João de Deus, ser o seu tormento ("Esta imaginação é o meu tormento..."), ao que nós podemos acrescentar que foi também a sua glória, na sua imaginação soberanamente plástica as ideias mais abstratas se transmutavam de súbito, ao toque da emoção, em radiosas visões arquitetônicas ou escultóricas; plasmavam-se por encanto os fantasmas em matéria palpável, cujas

lágrimas ardentes Calam lentamente sobre o mundo...

E o próprio Não-ser assumia, no final de um soneto, a eternidade granítica do "Ser único absoluto".

Debalde a razão do filósofo tentava como que aniquilar o mundo natural.

Ou pela negação pura e simples, na fase pessimista, em que

...volvendo em redor olhos abertos,

O mundo pareceu-lhe uma visão Um grande mar de névoa, de

E a luz do sol como um luar de mortos.

Como um espectro dum mundo já defunto,

Um tarrapo de mundo nevoento Ruína aérea que sacode o vento, Sem cor, sem consistência, sem

Ou, na fase final de serenidade, pelo que ele mesmo chamou de "Panpsiquismo", processo de evolução segundo o qual o universo gravitaria obscuramente, inconscientemente, para um estado psicológico puro.

Mas, atrás do filósofo estava sempre o poeta. O poeta que, maior que o filósofo, dominando o filósofo, ia criando o mundo natural, assim destruído, ia-o criando em formas impercíveis; o poeta que, por aquela atitude de humorismo transcendente, para me servir da expressão de Oliveira Martins, ia falar os deuses, negados pelo filósofo, e bendizia a Razão "de hábito mortal mais do que a peste", e se quedava a sonhar aos pés da Virgem Santíssima, cheia de graça, Mãe da Misericórdia...

De sorte que, no momento preciso em que as Formas, filhas da ilusão, calam desfeitas aos olhos do filósofo, nesse mesmo momento o poeta as recompunha na consciência para a vida da eternidade.

E não foi só isso. Na verdade o filósofo só sabia falar pela boca do poeta. Falar, que digo eu? pensar. A obra de Antero é Quental, mais que nenhuma outra talvez, testemunha que a poesia, como toda arte, é em suma instrumento de conhecer intuitivamente o homem e o universo. Donde partiu Quental para chegar a solução que o deixou líbido e adormecido na mão de Deus, na sua mão direita? Não foi da razão do filósofo; foi, sim, daquela voz interior — "não sei que voz que eu mesmo desconheço", assim se exprimiu em verso, e em carta a seu amigo Fernando Leal: "No fundo do coração há uma voz humilde mas que nada faz calar, a protestar, a dizer-lhe que há alguma coisa" por que se existe e por que vale a pena viver".

Vos do sub-consciente, voz da poesia nesse homem que, conscientemente procurava exatidão da poesia, nesse poeta genial que tantas vezes julgou erradamente de poesia porque meza em arte punha o valor moral: acima de todos os outros valores. Mas tão fundamentalmente poeta, que, depois de escrever o maravilhoso soneto "Mora Amor", confessava: "Não sei bem o que dizer, francamente, mas a execução agrada-me".

Ante quando lentos esboçar em prosa o sistema de suas ideias, como em "Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX" ou em cartas aos amigos, fê-lo por meio de comovidas afirmações de poeta, por meio de imagens de poeta. Já o notara Adolfo Coelho ao escrever que "a exposição do escritor não seguiu de modo nenhum o teor da demonstração: é um credo que se enuncia, e esse credo tem em parte o aspecto de poesia em linguagem de prosa".

A filosofia de Antero é a de um ser moral por excelência, muito bem definido por Oli-

veira Martins como "um poeta arrebatado pela visão inextinguível do Bem".

O homem não tinha consciência do seu destino de poeta, apesar de em todo o curso de sua evolução intelectual e moral ter encontrado sempre a poesia a seu lado. "Não sei como", diz com adorável candura a d. Carolina Michaelis de Vasconcelos, e acrescenta: "Espontaneamente, quase involuntariamente, tem revestido a forma poética o meu pensar e o meu sentir, coisas que em mim andam sempre juntas..."

De suas cartas aos amigos se percebe como a sua alma atormentada se dilatava com serenidade toda vez que o espírito conseguia formular em verso as soluções intelectuais, morais e sentimentais a que ia chegando. Assim na carta em que enviava a João Lobo de Moura "Os Cítipos", um dos bons poemas mais desalentados da série das "lúgubres": "Acho esses Cítipos bastante poéticos e não pouco filosóficos. Que lhe parece?" E todo o resto da carta respira tranquilidade.

Em outra carta para o mesmo amigo, e que deve ser de 1876, enviando-lhe o soneto "Transcendentalismo", onde se exprime tão contritamente, aquele misticismo em que se seguiu afinal (começa pelos versos "Já sossega depois de tanta luta, Já me descansa em paz o coração"), diz com grande serenidade: "Posso chamar-lhe um salmo, uma efusão religiosa, porque está ali com efeito a minha religião, o meu culto da existência supra-sensível, sem o qual não sei o que seria desta minha pobre existência sensível".

A mesma nota de apaziguamento intelectual e sentimental se observa nas palavras com que remete a amigos outros versos, às vezes denunciadores de lúas bem líbrios, como o soneto "Inania Regna".

Formulado em imagens nos sonetos da última fase o seu panpsiquismo, o seu misticismo, o seu budismo, a sua chamada teoria da santidade, o poeta calou-se. Calou-se, porque compreendeu que já dera a expressão exata do seu íntimo e definitivo sentir. A poesia podia retirar-se daquele ser doente, e de fato se retirou.

O filósofo ainda pensou em pôr por escrito o seu sistema. Muitas vezes falou em tal, mas no íntimo sentindo a impossibilidade de se exprimir por outras vozes que não fossem as da poesia. Lamentando-se disso, é certo, mas sem grande convicção.

O corpo doente ainda sofreu muito e tanto que procurou remédio na morte voluntária. Mas a alma, essa estava apaziguada, porque havia já cumprido o destino com que viera marcada do berço — destino de grande poeta intérprete dos anseios humanos mais fundos e mais puros.

O Pessimismo

Antero de Quental

O pessimismo não um ponto de chegada, mas um caminho. E' preciso passar por ele, mas justamente para sair dele. O pessimismo é a redução ao absurdo do naturalismo e das mil ilusões filhas dele, ou para melhor dizer (porque se não trata de sistemas simplesmente) filhas do espírito humano na sua fase naturalista. Mas, sobre essas ruínas acumuladas pelo pessimismo, o que triunfa não é a negação, o que resta não é o vácuo. O que triunfa é o que fica, é aquilo que no homem não é já filho da natureza, mas superior a ela e autônomo: a vida da consciência e a sua mais alta expressão, o sentimento moral.

OS SONETOS DE

IGNOTO DEO

Que beleza mortal se te assemelha,
O sonhada visão desta alma ardente,
Que reflectes em mim teu brilho ingente
Lá como sobre o mar o sol se espelha?

O mundo é grande — e esta ânsia me aconselha
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente,
Pelo mundo procuro um Deus clemente,
Mas a tua só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro,
Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gotas de mel em taça de venenos...

Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no céu ao menos!

LAMENTO

Um dilúvio de luz cai da montanha:
Eis o dia! eis o sol! o esposo amado!
Onde há por toda a terra um só cuidado
Que não dissipe a luz que o mundo banha?

Flor a custo medrada em erma penha,
Revolto mar ou golfo congelado,
Aonde há ser de Deus tão olvidado
Para quem paz e alívio o céu não tenha?

Deus é Pai! Pai de toda a criatura,
E a todo o ser o seu amor assiste;
De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura
Nesta hora santa... e eu só posso ser triste...
Serei filho, mas filho abandonado!

TORMENTO DO IDEAL

Conheci a Beleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;
Assim eu vi o mundo e o que ele encerra
Perder a cor, bem como a nuvem que erra
Ao por do sol e sobre o mar discorre.

Pedindo à forma, em vão, a Idéia pura,
Tropeço, em sombras, na matéria dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe,

Recebi o batismo dos poetas,
E assentado entre as formas incompletas
Para sempre fiquei pálido e triste

ASPIRAÇÃO

Meus dias vão correndo vagarosos
Sem prazer e sem dor, e até parece
Que o foco interior já desfalece
E vacila com raios duvidosos.

E' bela a vida e os anos são formosos,
E nunca ao peito amante o amor falece...
Mas, se a beleza aqui nos aparece,
Logo outra lembra de mais puros gozos.

Minhalma, ó Deus! a outros céus aspira;
E um momento a prendeu mortal beleza.
E' pela eterna pátria que suspira...

Porém do pressentir dá-me a certeza,
Dá-ma! e sereno, embora a dor me fira,
Eu sempre bendirei esta tristeza!

À FLORIDO TELES

Se comparo poder ou ouro ou fama,
Venturas que em si tem oculto o dano,
Com aquele outro afeto soberano,
Que amor se diz e é luz de pura chama,

Vejo que são bem como arteira dانا,
Que sob honesto riso esconde o engano,
E o que as segue, como homem leviano
Que por um vão prazer deixa quem o ama.

Nasce do orgulho aquele esteril gozo
E a glória dele é coisa fraudulenta,
Como quem na validade tem a palma:

Tem na paixão seu brilho mais formoso
E das paixões também some-o a tormenta...
Mas a glória do amor... essa vem dalma!

PSALMO

Esperemos em Deus! Ele há tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da matéria impotente e num só dia,
Luz, movimento, ação, tudo lhe há dado.

Ele, ao mais pobre de alma, há tributado
Desvelo e amor: ele conduz à via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado.

E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo,
Que anseio por mais vida e maior brilho,
Há-de negar-me o termo deste anseio?

Buscou quem o não quis; e a mim, que o chamo,
Há-de fugir-me, como a ingrato filho?
O Deus, meu pai e abrigo! espero!... eu creio!

À M. C.

No céu, se existe um céu para quem chora,
Céu, para as mágoas de quem sofre tanto...
Se é lá do amor o foco, puro e santo,
Chama que brilha, mas que não devora...

No céu, se uma alma nesse espaço mora,
Céu, para as mágoas de quem sofre tanto...
Se há Pai, que estenda sobre nós o manto
Do amor piedoso... que eu não sinto agora...

No céu, ó virgem! findarão meus ma's:
Hel-de lá renascer, eu que pareço
Aqui ter só nascido para dores.

Ah, ó lírio dos celestes vales!
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.

À ALBERTO TELES

Só! — Ao eremita sozinho na montanha
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:
No mar, o nauta, que o tufão balança,
Espera um sópro amigo que o céu tenha...

Só! — Mas quem se assentou em riba estranha,
Longe dos seus, lá teminda a lembrança;
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança
Ao que à noite soluça em erma penha...

Só! — Não o é quem na dor, quem nos cansaços,
Tem um lago que o prenda a este fadario,
Uma crença, um desejo... e inda um cuidado...

Mas cruzar, com desdem, inertes braços,
Mas passar, entre turbas, solitário,
Isto é ser só, é ser abandonado!

À GERMANO MEIRELLES

Só males são reais, só dor existe;
Prazeres só os gera a fantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e dia.

Se buscamos o que é, o que devia
Por natureza ser não nos assiste;
Se fiamos num bem, que a mente cria,
Que outro remédio há aí senão ser triste?

Oh! quem tanto pudera, que passasse
A vida em sonhos só, e nada vira...
Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem fora tão ditoso que ovidasse...
Mas nem seu mal com ele então dormira,
Que sempre o mal pior é ter nascido!

À M. C.

Não busco nesta vida glória ou fama;
Das turbas que me importa o vão ruído?
Hoje, deus... e amanhã, já esquecido
Como esquece o clarão de extinta chama!

Foco incerto, que a luz já mal derrama,
Tal é essa ventura: eco perdido,
Quanto mais se chamou, mais escondido
Ficou inerte e mudo à voz que o chama.

Dessa coroa é cada flor um engano,
E' miragem em nuvem busória,
E' mote vão de fabuloso arcano.

Mas coroa-me tu; na fronte Inglória
Cinge-me tu o louro soberano...
Verás, verás então se amo essa glória!

DESESPERANÇA

Val-te na asa negra da desgraça,
Pensamento de amor, sombra duma hora,
Que abraçei com delírio, val-te, embora,
Como nuvem que o vento impele... e passa.

Que arrojemos de nós quem mais se abraça,
Com mais ânsia, à nossa alma! e quem desce
Dessa alma o sangue, com que mais vigota,
Como amigo comungue à mesma taça!

Que seja sonho apenas a esperança,
Enquanto a dor eternamente assiste,
E só engane nunca a desventura!

Se em silêncio sofrer fora vingança!...
Envolve-te em ti mesma, ó alma triste,
Talvez sem esperança haja ventura!

BEATRICE

Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando,
Se foi a nuvem dourada ideal que eu vira erguida;
Depois que vi descer, baixar no céu da vida
Cada estrela e fiquei nas trevas laborando:

Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vácuo só, e tive a luz sumida;
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando;

Retirei os meus pés da senda dos abrolios,
Virei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos
Senão à estrela ideal, que a luz d'amor contém...

Não temos pois — Oh vem! o céu é puro, e calma
e silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma...
A alma! não a vês tu? mulher, mulher! oh vem!

AMOR VIVO

Amar! mas dum amor que tenha vida...
Não sejam sempre tímidos harpejos,
Não sejam só delírios e desejos
Duma doida cabeça escandecida...

Amor que viva e brilhe luz fundida
Que penetre o meu ser — e não só beijos
Dados no ar — Delírios e desejos —
Mas amor... dos amores que tem vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia
Não virá dissipá-lo nos meus braços
Como névoa da vaga fantasia...

Nem murchará do sol a chama erguida...
Pois que podem os astros dos espaços
Contra uma debel amor... se tem vida?

VISITA

Adornou o meu quarto a flor do cardo,
Perfumel-o de almizcar recendente;
Vesti-me com a púrpura fugiente,
Ensalando meus cantos, como um bardo;

Ungi as mãos e a face com o nardo
Crescido nos jardins do Oriente,
A receber com pompa, dignamente,
Misteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada
Era essa que assim a mim descia,
Do meu casebre à úmida pousada?

Nem princesas, nem fadas. Era, flor,
Era a tua lembrança que batia
As portas de ouro e luz do meu amor!

PEQUENINA

Eu bem sei que te chamam pequenina
E ténue como o vau solto na dança,
Que és no juízo apenas a criança,
Pouco mais, nos vestidos, que a menina...

Que és o regato de água mansa e fina,
A folhinha do til que se balança,
O peito que em correndo logo cança,
A fronte que ao sofrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi de angústia e de receio
Ouvindo do infinito os fundos ecos,

Que não quero imperar nem já ser rei
Senão terdo meus reinos em teu seio
E súditos, criança, em teus bonecos!

ANTERO DE QUENTAL

A SULAMITA

Ego dormio, et cor meum vigilat
Cântico dos Cânticos

Quem anda lá por fora, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Sutil nos passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de criança?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...
Parceu-me senti-lo aqui tão perto...
Seja alta noite, seja num deserto,
Quem ama até em sonhos adivinha...

Moças da minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que pode ir contente e descansado,

Pois se tão cedo adormeci, conforme
É meu costume, olhai, dormia agora,
Porque o meu coração é que não dorme...

SONHO ORIENTAL

Sonho-me às vezes rei, nalguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as águas brilha...

O aroma da magnólia e da baunilha
Pala no ar diáfano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...

E enquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto num cismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras
Tendo aos pés um leão familiar.

IDILIO

Quando nós ramos ambos, de mãos dadas,
Colher nos vales lírios e boninas,
E nalgumas dum fôlego as colinas
Dos rios da noite lida orvalhada;

Ou, vendo o mar, das ermas cumiadas,
Contemplamos as nuvens vespertinas,
Que parecem fantásticas ruínas
Ao longe, no horizonte, amontoadas;

Quantas vezes, de súbito, emudeces!
Não sei que luz no teu olhar flutua;
Sinto tremer-te a mão, e empalideces...

O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das cousas se insinua
Lenta e amorosa em nossos corações.

NOTURNO

Espírito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a lua,
Fino esquivo da noite que flutua,
Tu só entendes bem o meu tormento...

Como um canto longínquo — triste e lento —
Que vaga e sutilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consume,
Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!

ABNEGAÇÃO

Chovam lírios e rosas no teu colo!
Chovam hinos de glória na tua alma!
Hinos de glória e adoração e calma,
Meu amor, minha pomba e meu consolo!

Dê-te estrelas o céu, flores o solo,
Cantos e aroma o ar e sombra a palma,
E quando surge a lua e o mar se acalma,
Sonhos sem fim sem preguiçosos rolo!

E nem sequer te lembres de que eu choro...
Esquece até, esquece, que te adoro...
E ao passares por mim, sem que me olhes,

Possam das minhas lágrimas cruéis
Nascer sob os teus pés flores fiéis,
Que pises distraída ou rindo esfolheis!

APARIÇÃO

Um dia, meu amor (e talvez cedo,
Que já sinto estalar-me o coração!)
Recordarás com dor e compaixão
As ternas juras que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
Da lamparina ao tremulo clarão,
Ante ti surgirei, espectro vão,
Larva fugida ao sepulchral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, ente gemidos
E aflitos ais, estenderás os braços
Tentando segurar-te aos meus vestidos...

— "Ouve! espera!" — Mas eu, sem te escutar,
Fugirei, como um sonho, aos teus abraços
E como fumo sumir-me-ei no ar!

MAE..

Mãe — que adormente este viver dorido,
E me vole esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas até o fio
Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sítio mais sombrio...
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem — dava
Minha estéril ciência, sem recelo,
E em debili criança me tornava,

Descuidada, feliz, docil também,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

NA CAPELA

Na capela, perdida entre a folhagem,
O Cristo, lá no fundo, agonizava...
Oh! como intimamente se casava
Com minha dor a dor daquela imagem!

Filhos ambos do amor, igual miragem
Nos rocos pela fronte, que escaldava...
Igual tração, que o afeto mascarava,
Nos deu suplicio às mãos da vilanagem...

E agora, ali, em quanto da floresta
A sombra se infiltrava lenta e mesta,
Vencidos ambos, martires do Fado,

Fitávamo-nos mudos — dor igual! —
Nem, dos dois, saberei dizer-vos qual
Mais pálido, mais triste e mais cansado...

VELUT UMBRA

Fumo e clamo. Os castelos do horizonte
Erguem-se, à tarde, e crescem, de mil cores,
E ora espalham no céu vivos ardores,
Ora fumam, vulcões de estranho monte...

Depois, que formas vagas veem defronte,
Que parecem sonhar loucos amores?
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca desse aéreo Acheronte...

Apago o meu charuto quando apagas
Teu facho, oh sei... ficamos todos sós...
E' nesta solidão que me consumo!

Oh! nuvens do Ocidente, oh cousas vagas,
Bem vos entendo a cor, pois, como a vós,
Beleza e altura se me vão em fumo!

MEA CULPA

Não duvido que o mundo no seu eixo
Gire suspenso e volva em harmonia;
Que o homem suba e vá da noite ao dia,
E a homem vá subindo inseto e seixo.

Não chamo a Deus tirano, nem me queixo,
Não chamo ao céu da vida noite fria;
Não chamo à existência hora sombria;
Acaso, à ordem; nem à lei desleixo.

A Natureza é minha mãe ainda...
E' minha mãe... Ah, se eu a face lida
Não sei sorrir; se estou desesperado;

Se nada há que me aqueça esta frieza;
Se estou chelo de fel e de tristeza...
E de crer que só eu seja o culpado!

O PALACIO DA VENTURA

Benho que sou um cavaleiro andante,
Por desertos, por sós, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Desherdado...
Abri-vos, portas douro, ante meus ais!

Abrem-se as portas douro, com fragor...
Mas dentro encontro só, chelo de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

IDEAL

Aquela, que eu adoro, não é feita
De lírios nem de rosas purpúreas,
Não tem as formas languidas, divinas
Da antiga Venus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspensa
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona, que se agarra às crinas
Dum corcel e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

E' como uma miragem, que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...

ENQUANTO OUTROS COMBATEM

Empunhasse eu a espada dos valentes!
Impelisse-me a ação, embriagado,
Por esses campos onde a Morte o Fado
Dão a lei aos reis trêmulos e às gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...
Ou cairia radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gladios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inúteis anos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e ansiedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
Desta pálida e estéril mocidade!

DESPONDENCY

Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da solidade
Onde as azas partidas a levaram...

Deixá-la ir, a vela, que arrojaram
Os tubos pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgia da imensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixá-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
A morte queda, à morte a le nãoiosa...

Deixá-la ir, a nota desprendida
Dum canto extremo... e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!

METEMPSICOSE

Ardentes filhas do prazer; dizei-me!
Vossos sonhos quais são, depois da orgia?
Acaso nunca a imagem fugidia
Do que fostes, em vós se agita e frema?

Noutra vida e outra esfera, aonde geme
Outro vento, e se acende um outro dia,
Que corpo tinheis? que matéria fria
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras,
Arrastando, leões ou panteras,
De dentadas de amor um corpo exangue...

Mordei pois esta carne palpitante,
Feras feitas de gaze flutuante...
Lobas! leões! sim, bebei meu sangue!

OS SONETOS DE

A UM CRUCIFIXO

Lendo, passados 12 anos, o soneto da
parte 1ª que tem o mesmo titulo

Não se perdeu teu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,
Piebeu antigo, que amarrado ao poste
Morreste como vil e facioso.

Desse sangue maldito e ignominioso
Surgiu armada uma invencível hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses! — pôs-te
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa, um homem novo;
De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar nisto,
Lembraremos, herdeiros desse povo,
Que entre nossos avós se conta Cristo.

DIALOGO

A cruz dizta à terra onde assentava,
Ao vale obscuro, ao monte áspero e mudo;
— Que és tu, abismo e jaula, aonde todo
Vive na dor e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, contado?
Resignada, és só lodo informe e rudo;
Revoltoza, és só fogo e horrída lava...

Mas a mim não há alta e livre serra
Que me possa igualar... amor, firmeza,
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espírito, a luz!... tu és tristeza,
Oh! lodo escuro e vil! — Porem a terra
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

MAIS LUZ!

(A Guilherme de Azevedo)

Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossíveis,
E os que se inclinam, mudos e impassíveis,
A borda dos abismos silenciosos...

Tu, luz, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensíveis,
Tanto aos vícios cruéis e inextinguíveis,
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida referendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heróis!

PALAVRAS DUM CERTO MORTO

Há mil anos, e mais, que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo, à chuva e ao vento;
Não há como eu espectro macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Só o espírito vive: vela absorto
Num fixo, inextinguível pensamento:
"Morto, enterrado em vida!" o meu tormento
E' isto só... do resto não me importo...

Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só — no outro, a Idolatria
Deu-me um altar e um culto... ah! adoraram-me,

Como se eu fosse alguém! como se a Vida
Pudesse ser alguém! — logo em seguida
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!

A UM POETA

Surge et ambula!

Tu, que dormes, espírito sereno,
Posto a sombra dos cedros seculares,
Como um revita, à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumbulares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! são canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebute!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Banhador, faze espada de combate!

HOMO

Nenhum de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredo,
Nenhum adivinhou o meu segredo,
Nenhum interpretou a minha prece...

Ninguém sabe quem sou... e mais, parece
Que há dez mil anos já, neste degredo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pai nem mãe...

Misto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez — Satanaz! — talvez um filho
Bastardo de Jehová; — talvez ninguém!

DISPUTA EM FAMILIA

Dixit insipiens in corde suo: non est Deus

I

Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta
O que dizem teus filhos rebelados.
Velho Jehová de longa barba hirsuta,
Solitário em teus Céus acastelados;

— Cessou o império enfim da força bruta!
Não sofreremos mais, emancipados,
O tirano, de mão tenaz e astuta,
Que mil anos nos trouxe arrebanhados!

"Enquanto tu dormias impassível,
Topamos no caminho a liberdade
Que nos sorriu com gesto indefinível...

"Já provamos os frutos da verdade...
O Deus grande, o Deus forte, o Deus terrível,
Não passas duma vã banalidade! —"

II

Mas o velho tirano solitário,
De coração austero e endurecido,
Que um dia, de enojado ou distraído,
Deixou matar seu filho no Calvário,

Sorriu com rir estranho, ouvindo o vário
Tumultuoso coro e alarido
Do povo incipiente, que, atrevido,
Erguia a voz em grita ao seu sacrário:

"— Vanitas vanitatum! (disse). E' certo
Que o homem vão medita mil mudanças,
Sem achar mais do que erro e deserto,

"Muito antes de nascerem vossos pais
Dum barro vil, ridículas crianças,
Sabia eu tudo isso... e muito mais: —"

MORS LIBERATRIX

(A Bulhão Pato)

Na tua mão, sombrio cavaleiro,
Cavaleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão, como um luzelro,

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projectas...
Só o gladio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro,

— "Se esta espada que empunho é coruscante,
(Responde o negro cavaleiro-andante)
E' porque esta é a espada da Verdade.

Firo, mas salvo... Prasto e desbarato,
Mas consolo... Subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a Liberdade."

O INCONCIENTE

O espectro familiar que anda comigo,
Sem que pudesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto
E outras muitas, ansioso espelho e sigo,

E' um espectro mudo, grave, antigo,
Que parece a conversas mal dispostas...
Ante esse vulto, ascético e composto
Mil vezes abro a boca... e nada digo,

Só uma vez ousei interrogá-lo:
Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Fantasma a quem odio e a quem amo?

Teus irmãos (respondeu) os vãos humanos,
Chamam-me Deus, há mais de dez mil anos...
Mas eu por mim não sei como me chamo...

MORS-AMOR

(A Luiz de Magalhães)

Esse negro corseil, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desse,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantásticas estradas,

Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,
Formidável, mas plácido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha sem temor,
E o corseil negro diz: "Eu sou a Morte!"
Responde o cavaleiro: "Eu sou o Amor!"

ANIMA MEA

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a fúnebre bacante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: "Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo mundo errante?"

— Não temas, respondeu (é uma ironia
Sinistramente estranha, atrás e calma,
Lhe tateou cruelmente a boca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um trofeu
Glorioso de mais... Busco a tua alma —
Respondi-lhe: "A minha alma já morreu!"

DIVINA COMEDIA

(Ao Dr. José Falcão)

Erguendo os braços para o céu distante
E apostrofando os deus invisíveis,
Os homens clamam: — "Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triunfante,

Por que é que nos criastes?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,
Num turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor na paz elemente
Do nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Por que é que para a dor nos evocastes?"
Mas os deuses, com voz linda mais triste,
Dizem: — "Homens! por que é que nos criastes?"

O CONVERTIDO

(A Gonçalves Crespo)

Entre os filhos dum século maldito
Tomei também lugar na impla mesa,
Onde, sob o folgar, geme a tristeza
Duma ânsia impotente do infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito
Um rir feito de fei e de impureza...
Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza,
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tédio e de quebranto,
Rompendo os diques ao represso pranto,
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,
E achei a paz na inerência e esquecimento...
Só me falta saber se Deus existe!

ESPETROS

Espetros que veles, enquanto a custo
Adormeço um momento, e que inclinados
Sobre os meus sonhos curtos e cansados
Me encheis as noites de agonia e susto!...

De que me vale a mim ser puro e justo,
E entre combates sempre renovados
Disputar dia a dia a mão dos Fados
Uma parcela do saber augusto,

Se a minh'alma há-de ver, sobre si fitos,
Sempre esses olhos trágicos, malditos!
Se até dormindo, com angústia imensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma verter sobre o meu peito
As lágrimas geladas da descrença!

ANTERO DE QUENTAL

O QUE DIZ A MORTE

Deixai-os vir a mim, os que lidaram;
Deixai-os vir a mim, os que padeceram;
E os que cheios de mágoa e tédio encaram
As próprias obras vãs, de que escarnecem...

Em mim, os Sofrimentos que não saíram,
Fútil, Dúvida e Mal, se desvanecem;
As tormentas da Dor, que nunca param,
Como num mar, em mim desaparecem. —

Aqui a Morte diz, Verbo velado,
Simplesmente interprete sagrado,
Das coisas invisíveis, muda e fria,

E, na sua mudez, mais retumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na sua noite, do que a luz do dia,

NOX

(A Fernando Leal)

Noite, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,
Tanto esteril lutar, tanta agonia,
E tantos tantos áspetros tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exalam da trágica enxovia...
O eterno Mal, que ruge e desvaria,
Faz-te desconfiar e esquece, alguns momentos...

Oh! antes tu também adormecesses
Por uma vez, e eterna, inalterável,
Calmo sobre o mundo, te esquecesses,

E, ó, o mundo, sem mais lutar nem ver,
Deslisse no teu seio invariável,
Neste sem termo, noite do Não-ser!

EM VIAGEM

Pelo caminho estreito, aonde a custo
Se encontra uma só flor, ou ave, ou fonte...
Má se bruta aridez de áspetro monte
E os sons e a febre do areal adusto,

Pelo caminho estreito entre sem susto
Se em susto encarei, vendo-os defronte,
Fantasmas que surgiram do horizonte
A premeier meu coração robusto...

Quem sois vós, peregrinos singulares?
Dar, Tédio, Desenganos e Pesares...
Atrás deles a Morte espreita ainda...

Conto-vos, Meus guias derradeiros
Sei-vos, Silenciosos companheiros,
Benvidos, pois, e tu, Morte, benvinda!

NIRVANA

(A Guerra Junqueiro)

Para além do Universo luminoso,
Cheio de formas, de rumor, de vida,
De forças, de desejos e de vida,
Abre-se como um vácuo tenebroso.

A onda desse mar tumultuoso
Vem ali expirar, esmaecida...
Numa imobilidade indefinida
Termina ali o ser, inerte, ocioso...

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo desse mundo morto
E torna a olhar as coisas naturais,

A bela luz da vida, ampla, infinita,
Se vê com tédio, em tudo quanto fita,
A ilusão e o vazio universais.

TRANSCENDENTALISMO

(A J. P. Oliveira Martins)

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração.
Cai na conta, enfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e à Sorte disputa.

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrário do templo da Ilusão,
Se encontro, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma matéria bruta...

Não é no vasto mundo — por imenso
Que ele pareça à nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vácuo, solidade,
Voa e paira o espírito impossível

EVOLUÇÃO

(A Santos Valente)

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que cusombrava urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No imenso paúl, glauco pacífico...

Hoje sou homem — e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espirais, para a Imensidade...

Interrogo o infinito e às vezes choro...
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro
E aspiro unicamente à liberdade.

ELOGIO DA MORTE

Morrer é ser iniciado

Antologia goça

I

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me para o coração robusto.

Não que de larvas me povoa a mente
Esse vácuo noturno, mudo e agusto,
Ou forceje a razão por que afugente
Alguns remorso, com que encara a custo...

Nem fantasmas noturnos visionários,
Nem desfile de espectros mortuários,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo dum poço, úmido e morno,
Um muro de silêncio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulcrais da Morte

II

Na floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento,
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a fantasia.

Atravesso, no escuro, a névoa fria
Dum mundo estranho, que povoa o vento,
E meu queixoso e incerto sentimento
Só das visões da noite se confia.

Que místicos desejos me enlouquecem?
Do Nirvana os abismos aparecem
A meus olhos, na muda Imensidade!

Nesta viagem pelo ermo espaço,
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irmã do Amor e da Verdade!

III

Eu não sei quem tu és — mas não procuro
(Tal é minha confiança) devassá-lo.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as formas da noite, com quem faço.

Através do silêncio frio e obscuro
Trus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cair dos abismos do Futuro
Me inclino à tua voz, para sondá-lo.

Por ti me engolfo no noturno mundo
Das visões da região Inominada,
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Atá-lo, compreendê-lo, basta uma hora,
Anérgica Beatriz de mão gelada...
Mas única Beatriz consoladora!

IV

Longo tempo ignorei mas que cegueira
Me trazia este espírito enublado!
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,
Noite e dia, impassível companheira...

Muitas vezes, é certo, na canseira,
No tédio extremo dum viver maguado,
Para ti levantei o olhar turbado,
Invocando-te, amiga derradeira...

Mas não te amava então nem conhecia!
Meu pensamento inerte nada lia
Sobre essa muda fronte, austera e calma,

Luz íntima, afinal, alumiou-me...
Filha do mesmo pai, já sei teu nome,
Morte, irmã coeterna da minha alma!

Que nome te darei, austera imagem,
Que avisto já num ângulo da estrada,
Quando me desmalha a alma prostrada
Do cansaço e do tédio da viagem?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,
Cobre o rosto e recua apavorada...
Mas eu confio em ti, sombra velada,
E culdo perceber tua linguagem...

Mais claros vejo, a cada passo, escritos,
Filha da noite, os lemas do Ideal,
Nos teus olhos profundos sempre fitos...

Dormirei no teu seio inalterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável

VI

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silêncio mortuário,
Noite sem fim, espaço solitário,
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não; minh'alma humilde mas robusta
Entra crente em teu átrio funerário;
Para os mais és um vácuo cenário,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e inefável
E o silêncio sem par do Inalterável,
Que envolve o eterno amor no eterno luta.

Talvez seja pecado procurar-te,
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Ser único absoluto.

LACRIMAE RERUM

(A Tommaso Cannizzaro)

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte,
Quantas vezes tenho eu interrogado
Teu verbo, teu oráculo sagrado,
Confidente e intérprete da Sorte!

Aonde vão teus aóis, como coorte
De almas inquietas, que conduz o Fado?
E o homem por que vaga desolado,
E em vão busca a certeza, que o conforta?

Mas, na pompa de imensa funeral,
Muda, a noite, sinistra e triunfal,
Passavolvendo as horas vagarosas...

E' tudo em torno a mim, dúvida e luto;
E, perdido num sonho imenso, escuto
O suspiro das coisas tenebrosas...

VOZ INTERIOR

(A João de Deus)

Embebido num sonho doloroso,
Que atravessam fantásticos clarões,
Trepando num povo de visões,
So agita meu pensar tumultuoso...

Com um bramir de mar tempestuoso
Que até aos céus arroja os seus cachões,
Através duma luz de exaltações,
Rodeia-me o Universo monstruoso...

Um al sem termo, um trágico gemido
Ecoo sem cessar ao meu ouvido,
Com horrível, monótono vaivém...

Só no meu coração, que soudo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem!

COM OS MORTOS

Os que amei, onde estão? Idos, dispersos,
Arrastados no giro dos tufões,
Levados, como em sonho, entre visões,
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés também imersos
Na corrente e à mercê dos turbilhões,
Só vejo espuma lívida, em cachões,
E entre ela, aqui e ali, vultos submersos...

Mas se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esses que amei: vivem comigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na comunhão ideal do eterno Bem.

DE ANTERO — Cecília Meireles

olhaste, ó crente,
e horizonte futuro e visto, em tua
mente,
um alvor ideal banhar cozes as-
pacia!
Porque morreu sem o eco de teus
passos,
e de tua palavra (ó Verbo!) o som
tremendo?
Morteste... ah! dorme em paz!
... não volvas, que descereste
alegreza de novo à campa os
membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra
crma,
a mesma humanidade, é sempre a
mesma enfermidade,
me o mesmo esmo céu, frio como
um sudário...

Fugiste, como então, viras o mun-
do exangue,
e murras perguntar — de que ser-
viu o sangue
com que regaste, ó Criado, as urvas
do Calvário?

Mas se seja o Deus abandonado,
ou um outro, novo, uma forma vi-
va, continua a negar-lhe de lon-
ge. E continua:

É vontade virão desta alma arden-
te,
que seletes em salm teu brilho lu-
gubre
lá vado sobre o mar o sol se en-
capina?

"O mundo é grande — e esta ânsia
me aconselha
a buscar-te na terra: e eu, pobre
crente,
peço mundo procure um Deus ali-
mentado a sua se lhe encontrar, não e
veja..."

Tuschafa-se com João de Deus:

O que há-de a alma escutar, em
tanto exangue?
E uma hora cre de te, logo davi-
da,
de joelhos, só achas o decalogo!

No teu pode abduir em tanto
duelo,
fugiste a luz divina, outra vida,
depois a terra esgrada, o céu desli-
no.

O poeta descobre o Eterno em
Bianco Fepimado e inquina-se,
com uma lepra nova:

Foste Deus sobre a fronte a mão
piedosa,
que toda o poeta e o soldado
viveu a ti o altar de amor ve-
ludo,
e das-te: "Vai, filha, e se ar-
moa!"

"É tu descedo na onda harmonio-
sa,
procedo desde solo angustioso,
e seria eterna num céu a sagrado,
do teu lampião ouar na luz radio-
sa..."

Mas eu... posso eu acaso mer-
ceder-te?
Deante o Senhor, mulher! o que e
vedado
Ago, deante o Senhor um mundo
aparte.

E a mim, a quem deu olhos para
ver-te,
sem poder mais... a mim o que
me há daço?
Vai que cante, e uma alma, para
amar-te!

A inquietação divina se vem jun-
tar e confuso clamor dos sentidos;
vê-se como aquele a quem a gló-
ria parece coisa vã, a glória que
se coras com flores de engano,
sonaria de ser torcido pela cri-
atura que o enervava:

Mas corou-me tu; na fronte in-
glória
coge-me tu o louro soberano...
Vidas, veras então, si amo essa
glória!

Para a mulher, para a Beatriz
que um dia será também a "única
Beatriz conselheira" vão seus
veros, exaltados do céu:
Bastarei de meus pés da senda dos
abrochos.

Virai-me a outro céu, nem ergo já
meus olhos
nada à estrela ideal que a luz da-
mor contém...

Não temas, pois — Oh! vem! o céu
é puro e ca'ma
e silenciosa a terra, e doce o mar,
e a alma...
A alma! não a vés tu mulher, mu-
lher! Oh! vem!

Será nesta alma o amor humano
capaz de eclipsar Deus? Ela, porém,
que esse amor o dralude:

Deus em penhor te deu a forma-
ção,
benções te manda o céu em cada
hora.

É desceps do viver?... E eu, pobre
e triste,
que só no teu olhar lico a ventura,
se tu desceis, em que hei-de eu crer
agora?

Transferem-se as bodas também
para o plano místico:
No céu, o virgem, fenderão meus
maios:

hei-de lá renascer, eu que pareço
aqui to ter nascido para dores.

Ah, ó lírio dos celestes vales!
tendo seu fim, teio o seu começo,
para não mais findar, nosse am-
res.

Grandes e surdos desesperos per-
correm essa alma cheia de onças:

Oh! quem tanto pudera, que pas-
sasse
a vida em sonhos só e nada viral
Mas no que se não vê, labor per-
didol

Quem fora tão ditoso que olivás-
se...
Mas nem seu mal com ele então
dormira,
que sempre o mal pior é ter nas-
cido.

Este homem que teve a esperan-
ça, por várias vezes, no sonho, e
curras muitas na realidade heroica,
colria de uma impossibilidade trágica;
não podia perder de vista
nem o céu nem a terra: melhor di-
zia: nem o céu nem o mar, esse
mar do mundo — como um legião-
do livre que da sua praia não tem
conha que escolher: anão a claror
de inatencíveis das estrelas ou a
incontância, a vacilação, o perigo
e o naufrágio das águas promissó-
rias e várias.

Desses experiências fundamente
dividas, tal o seu canto doloroso e
solista:

Conheci a Deusa que não morre
e quei trase, Como quem da terra
mas alla que heja, quanto os pes
da terra a terra
e o mar, vé tudo, — a maior an-
ti o torce,

minguar, fundir-se, sob a luz que
jari,
assom eu vi o mundo e o que ele
encerra
perder a cor, bem como a minha
que era
ao por do sol e sobre o mar dis-
corre

Prelindo à forma, em vão, a ideia
pura,
tropeço, em sombras, na matéria
dura,
e encontro a imperfeição de que
esta existe.

Recebi o batismo dos poetas,
e as cantado entre as formas in-
completas
para sempre fiquei pávido e triste.

Que serias se levantariam em re-
dor desse moço marítimo? O resto
das serenas e furta-cor, feito de
Oceano — as serenas imensas não
tem nome. E quando atumaram
em suas danças líquidas, o moço
marítimo estava rufando outra
vez para as entrelas:

Minha alma, ó Deus, a outros céus
aspira:
se um momento a prendeu morral
belica,
e pela eterna patria que suspira.

E assim decorreram anos, os pri-
meiros vinte anos de um poeta.

Os novos dias que chegam en-
contram-no mergulhado em livros
de ciência, poesia, filosofia, teolo-
gia. Chegam às suas mãos Miche-
let e Hegel, Vico e Proudhon, Hu-
go e Balzac, Goethe, Poe... Che-
ga também, para seu amigo, Eça
de Queiroz. Todos vão lembras
como o romancista fixou mochos
escultural do poeta; quando o co-
nheceu: uma noite, junto a uma
igreja, a capa negra sacorendo-lhe
pelo ombro, o nimbo lúvico co-
cabul aureolando-o. Em redor, os
corais ouvindo-o. Eça apolha-se
com os outros, humildemente, num
degrau — e nessa atitude lída,
dizante dele, toda a vida.

Que dia nos seus colegas esse mo-
ço tão singular? Talvez: alguma das
suas odes, recém-escritas:

1863 — ode — Pobres — a R. de
Deus.

Eu, quisesa saber, ricos, se quando
sobre esses monjes de ouro estás
subido.

vedes male perto o céu, ou mais um
astro
vos aparece, ou a fronte se vos
banha

como a luz do luar em moço dilú-
vio?

Se vos parece o ouvido ao hara-
zinas
vagas do espaço, à noite, mais dis-
tintas?

Se quando andais subidos nas tor-
res
deas
Sentis as brandas asas de al-
guém
diar-vos sombras, ou vos roça pelos
lábios

de outro mundo ideal, mistico
briso?

Pode ser que esteja dando espe-
rança aos miseráveis:
1863 — Odes — Aos miseráveis.

fragmento

O Justica eu sorrio quando encaro
o semi-deuses desta terra ingrata,
que chitro de validade e de desca-
so julgam feitos de ouro e fina pra-
ta...

Sorrio ao ver como em seu troco
cuidam falar com vos de calatria,
e creem ser na altura um Sele-
estrolis...

Que eu bem sei que tu há de sub-
verte-los!

Os Trovões nem sem acharem eco,
e os deuses morrem em fruto ruído:
é o Céu rano que só frute peço
dará, e o Monante de aço buido
não podes a vinha... deixa tudo
seco!

Tudo isto morre e vai-se em po-
sumido...
que pesam na balança da Verdade?

Mas a ideia que sai da nossa fron-
te:
e a dor, que irrompe e raga o alma
e a dor, que tem numa alma
e a dor, que nasceu todo inapo-
feito:

e o al de um triste em solitário
monio:
e um pranto maternal em fruto leito:
e a dor, que tem numa alma
e a dor, que nasceu todo inapo-
feito:

E o grande gesto que de longe
se vê, e a dor, que tem numa alma
e a dor, que nasceu todo inapo-
feito:

Caminhai para a estrela da alvor-
da
e os vós sori de lá — não temas
neco —
até que se desembrulhe esta mes-
da...

E há-de desembrulhar-se, tarde ou
cedo!

Miseráveis, segui na vossa estrada
de murcha, segui com rosto ledo...
E a estrada vai de um ramo cereal
vai na frente a coluna do decerol

Talvez ainda esse mais. Talvez
eu te pe na igreja onde mora o
Deus que anda e por quem goire, ta-
leja andando;

São estes que flieram da cruz ne-
gra
do meu ladrão almal com que se
absolvem
entre si, e, deixando a terra presa
pelo tempo, fizeram firmamento;
e chorando no sol escuridade;
e ao pensamento, epra e a igno-
rancia

elevaram altar; e a ignominia
chamaram dignidade...

Enlento,
na História e solo trágico, regado
com o sangue dos tempos, anda em
conhecendo um mistério — porque
dentro
em seu solo, num rego tenebroso,
não sei que mais deu uma se-
mente

escura mas divina, a do Futuro!

Há de crescer, essa árvore divina!
Porque as raízes dela vão, na sum-
brosa a vida às duas largas...

Verdade e Amor — e a seiva que
a alimenta
é a Ideia... e é o chão a Humani-
dade!

E tudo isso diria com santidade,
brava santidade, embora, embora,
porque é a minha alma que está
vibrando em suas palavras, e seu
coração que se está partindo, para
criar um mundo mais perfeito.

Depois, dizem que se perdia pe-
lo Bursaco, e à noite o viu no seu
quarto, cavalcando a janela, a per-
guntar aos passantes: "Sabes quem
foi Miguel?" Tens alguma ideia do
Imanente? Deus será de fato o
meteo mar da Substância? Mas
ninguém responde. Parer que
assustados, os transeuntes, apenas
faziam o sinal da cruz.

Eça de Queiroz diz que a Universi-
dade, naquele tempo, era uma
madrinha. Sente-se que ela refle-

lia as incertezas da época, e não se
preparava para a finalidade de so-
lúv-la. E o poeta, estudante já
decaído, vai descrevendo para
jornais de longe os acontecimentos
da cidade universitária: litorais,
teatros, festas, um pouco de ciência
e de crítica literária... Sorri com
mronia das pequenas trivialidades.
E escreve sonetos e odes. Nessa
ocasião conhece Camilo Castelo
Branco. E forma-se em Direito.

O ambiente é insípido. Sua inteli-
gência desbasta como pode. O
lento pergunta-lhe, na prova final:
Quantas são as provas usuais do
processo civil? Responde — devia
ter respondido com muito tedio:
"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

"São infinitas". E talvez pensa-
se: como a estupidice humana...

santo. Este cumpre o preceito de
uma raça, dum lido, e...
lução. Mas aquele cumpre a lei
eterna, acima de tempos e revela-
ções parciais porque ela as cria e as
destoa. "Este século é o milênio-
rio da Trindade". "Descobre um
Deus em movimento, um Deus atí-
vo e espalmo em tudo. E então o
celebra:

ODR

Em toda a forma o Espírito se
capita!

O imóvel é um deus que está so-
lindo
com não sei que visão vaga, in-
luta...

Semeador de mundos, vai andando
e a cada passo uma serra lanta
de vida sob os pés: he lá, he lá,
tando!

Esseis tenebras e pura... casta
e todavia argente — como aleno!
Teu sopor é que fecunda a esera
lva...

Choras na voz do mar... canas
lho vento...

Do ponto de vista social, o su-
cesso mais importante da sua vi-
da, nesse ano, foi a "questão colim-
bri", acontecimento literário que
se fez histórico. O velho poeta
Castilhos, que orava pelos do ano,
pontificava nas letras portuguesas
de então, e como acontecia a casa
especial de pontíficos, não aceita-
va valores não consagrados pela
sua mão.

Deu-lhe então para alamar os
escritores de Coimbra, acusando-os
de confusos hiperbólicos. Podia
isso ser aplicado a alguns — ju-
stamente os que não sobrevivem.
Mas o nome de Antero foi enve-
lado. Antero a quem Castilho en-
sinara as primeiras letras.

Porque a sua natureza era a de
um paladino, veio ele a campo,
a defender-se e nos males. E a pla-
meio porque era seu estilo tão
claro, sacro, apurado e vivo,
dútil e penetrante, quando Casti-
lho buscou para sempre, loca-
do por essa pena primorosa, o se-
creto sem rumo, como um
velho professor, era simplesmente,
por escrever em nome de Verdade,
— noção que Antero sobrepuja
a todos os interesses, convenien-
cias e amizades.

No entanto, porque a sua natu-
reza fosse também de santidade,
recebeu a dor dessa vitória, e,
como um anjo ferido, caiu e me-
mo, recobria-se a uma penumbra
longa. Deixa Coimbra, ainda por
muito, escreve coisas doloridas;
que uma lágrima, por exemplo,
vale mais que um alegoria, e
aquele que pareciera ter recobido
a contradição de Deus com o Mun-
do, agora enfrenta a do homem
com o destino: "Vai-se ao mundo
para não, ser, sentir, ser bom
e feliz e forte, e tanto quer di-
zer "horror" e tanto quer dizer
de espíritos e endurecer-se-lhe o
corpo e a alma, e descer e chorar
e ser má e ignorar e misero —
uma existência a si mesma tra-
dora — um ser que se trata
própria lei, uma coisa feita para
ser exatamente o contrário do seu
destino — que é isto sendo a cen-
tração terrível de tudo quanto
temos por instinto, por verdor, por
princípio e harmonia dos mundos.

"Horror" — se a dizer: "É isto
nada a errar maior do que o
Crucido". Dúvida da razão para
receber o problema da imortalida-
de, porque a não limitada, e...
en-se a Voltaire e a Rousseau, a
Vico e a Hegel, — mas em me-
do não há salvação. Cre na ra-
ção, mas não há salvação da
filosofia do século 18 excessiva.

No entanto, a palavra nada o
trabalha: "O homem é — me-
mo criador. E o projeto programas
e planos para a construção de
vida nessas bases. Chega a lan-
çar um tempo de fidelidade tão
serena e equilibrada, de enoços
tão acalunados, que a arte será um
entretimento para rapazes muito
jóvens, e savas matheas. Esta
juventude, e acaba de cre-
ver os seus mais profusos rancos.
A renda das serenas vem de
novo errado:

Adornou o meu quarto a flor do
leardo,
perfumou-o de almíscar ressen-
tente;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

vesti-me com a púrpura folcanta,
ensaiando meus cantos como um
lardo;

(Continua na pág. seguinte)

RETRATO IDEAL DE

(Continuação da pág. anterior)
era essa que assim, a mim decaia,
do meu casebre á úmida pou-
sada?...

Nem princesa nem fada. Era, flor,
era a tua lembrança que botava
as portas de ouro e luz do meu
amor!

Uma claridade campestre banha
as recordações:

Quando nós vamos amigos, de mãos
dadas,
colher nas vates lírios e boninas,
e galgamos d'un fôlego as colinas
dos rios da noite inda orvalha-

ou vendo o mar, das ermas cumia-
das,
contemplamos as nuvens vesperti-
nas,
que parecem fantásticas ruínas
ao longe, no horizonte átonoa-

quantas vezes, de subito emudece!
Não sei que luz no teu olhar flui-
tuava,
tanto tremar-te a mão, e empall-
deces...

O vento e o mar murmuram ora-
ções,
e a poesia das coisas se insinua
lenta e amorosa em nossos cora-
ções.

Há quase um principio de alga-
ria, em redor dele:

Eu bem sei que te chamam peque-
nina
e tenho como o vênus solto na dança,
que és no juízo apertus a criança
pouco mais, nos vestidos, que a
magalina...

Uma volupta, de Cântico dos
cânticos adormece-a:
Sonho-me, às vezes rei, nau-
guina

multo longe, nos mares do Oriente,
onde a noite é balsâmica e fulgen-
te,
e a lua chela sobre as águas bri-
lha...

Que ternura infantil, saudosa e
triste, abraça um instante esse
profeta enfileteado:

Mãe — que adormece este viver
dorado,
e me vole esta noite de tal frio,
e com as mãos piedosas atei o fio
do meu pobre existir mole partido...

Que me leve consigo adormecido
ao passar pelo alto mais sombrio...
Eu dava o meu orgulho de homem
— dava
minha estéril ciência, sem receio,
e em debil criança me tornava,

descuidada, feliz, docil, também,
se eu pudesse dormir sobre o teu
seio,
se tu fosses, querida, a minha
mãe!

Logo, porém, tudo isso se des-
mancha em perdido queixume. Já
nem as serenas precisaria fugir,
porque é ele, o profeta, que com
a natureza de um Elias, se perde
do ar, em seu coche de nevas!

Um dia, meu amor (e talvez codo
que já sinto estalar-me o coração!)
recordaria com dor e compaixão
as ternas juras que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
da lamparina ao tremulo clarão,
ante a ti surgiria, espectro vão,
larva fugida no sepulchral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, entre
gemidos
e aflitos ais estenderias os braços
e como um funo sumir-me-ei não
lari!

E esse abandono das formas vãs
vai-se tornando tão simples, tão
natural no poeta-filósofo que é
como se a realidade, aquilo que é
a realidade dos outros homens, já
se estivesse evaporando em maté-
ria mais leve que a recordação.

Soltam-se os laços que prendiam
os interesses do que podia ser a
sua pessoa. Vai-se desdinhando ca-
da vez mais a figura "ideal". Um
grande contentamento para que
tudo se liberte, siga seu caminho,
precipite-se na torrente geral do
universo:

Deixá-la ir, a ave, a quem rouba-
ram
ninho e filhos e tudo, sem piedade
de...
Que a leve o ar sem fim da sole-
dade
onde as asas partidas a levaram...

Deixá-la ir, a ave, que arrojaram
os tufões pelo mar, na escuridão,
quando a noite surgiu da intensi-
dade,
quando os ventos do Sul se levan-
taram...

Deixá-la ir, (a alma lastimosa,
que perdeu a fe e paz e confiança,
a morte queda, a morte silenciosa...
Sua experiência levava-o a
imensas decepções. Os amigos, in-
certos, as serenas, precárias; os
homens, esquecidos de sua condi-
ção; o mundo, cego; e Deus apro-
ximando-se e fugindo-lhe, segun-
do a sua força de busca-lo, e to-
mando todas as aparências, e ex-
capando a todas as definições. O
abrigo da solidão rodeia o sonha-
dor incansável. Tal qual, na sua
ilha, a noite do mar, misturada
à do céu:

Sonho que sou um cavaleiro an-
dante,
Por desertos, por sós, por noite
escura,
paladino do amor, busco anelante
o palácio encantado da ventura.

Mas já desmaio, exaustivo e vaci-
lante,
quebrada a espada já rota a ar-
madura.

E eis que subito, o avisto, fulgu-
rante
Na sua pompa e aérea formosura!
Com grandes golpes bato à porta e
lurdo!

Eu sou Vagabundo, o Desherdeiro!
Abri-vos portas d'ouro, ante meus
laços!

Abrem-se as portas d'ouro com
frigor com
Mas dentro encontro só, cheio de
dor,
silêncio e escuridão — e nada
mais!

Andará falando dele o mundo —
com suas mil vozes. E ele, de quem
fala? Com quem se comunica? Ele
anda no seu grande monólogo no-
turno:

Esperito que passa, quando o vento
adormece no mar e surge a lua,
filho esquerdo da noite que nutra,
tu só entendes bem o meu tor-
mento...

Como um canto longínquo, — tri-
ste e lento —
que voga e sutilmente se insinua
— sobre o meu coração, que tu
insinuas,
tu vertes pouco a pouco o esque-
cimento...

A ti confio o sonho que me leva
um instinto de luz, rompendo a
treva,
buscando, entre visões, o eterno
Bem.

E tu entendes o meu mal sem
nome,
a febre Ideal que me consome,
o teu, gênio da Noite, e mais nin-
guém!

Mas verdadeiros lhe são os
grandes fantasmas inominados que
os habitantes do mundo, seus vi-
zinhos. Já está familiarizado com
essas presenças invisíveis, inter-
locutores solenes, que nunca, no
entanto lhe respondem, cabalmente.

Vai fazendo, ele mesmo, presen-
ça esparsa e disposto sobre seus
despojos futuros. Abre a sua "se-
micultura romântica", de libéu, —
no mar, amargo e maternal" ao
mesmo tempo: que embala as ilhas
e as devora!

Ah, onde o mar quebra num ca-
lchão
rugido e monótono, e os ventos
erguem pelo areal os seus lan-
guens,
aí se há-de enterrar meu coração.

Quelmem-se os sóis da adusta so-
lidão
na fornalha do estio, em dias len-
tos;
depois, no inverno, os sopros vio-
lentos
lhes revolvam em torno o arido
calção...

Até que se desfaca, e já tornado
em impalpável pó seja levado
nos turbilhões que o vento levan-
tar...

Com suas lutas, seu cansado an-
seio,
seu louco amor, dissolvem-se no seio
desse infucundo, desse amargo
mar!

A este homem que tanto se as-
quece do corpo, sucede, então, que
o corpo, assim abandonado, se põe
a adormecer. Anda a procurar me-

horas para a saúde, viaja pela Eu-
ropa e chega à América. E ao seu
lénio do mundo, que nenhum ideal
bem claro veio ainda consolar ou
compensar a tendência satanista
vem agora sorrir, clinicamente. Um
dos seus "eus" se inclina para Bati-
delaire, mira a vertigem noturna
de Paris chega quase a confun-
dir as estrelas do céu com as lúpi-
nadas da rua... Logo, porém, o
"eu" ideal se rebelou contra esse
principio de corrupção. No dia do
enterramento de Baudelaire, murmura
no poeta morto:

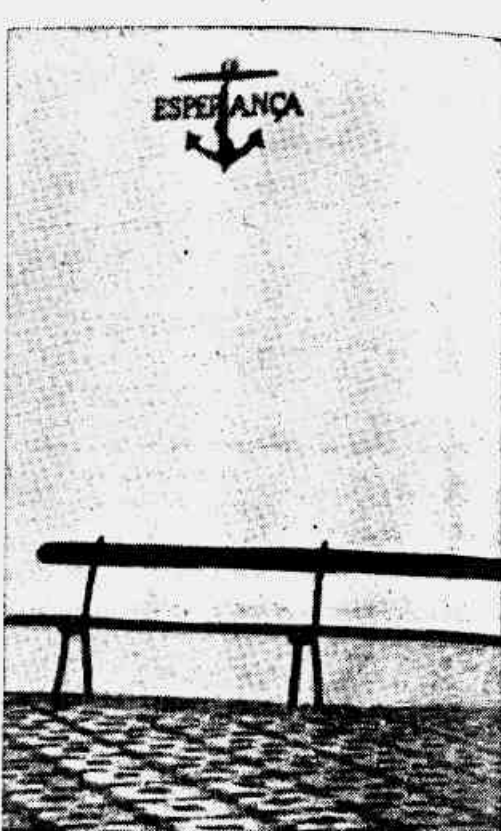
E a o símbolo, tu, dum século fan-
tasma,
tão sabio que é ateu e já não quer
lchorar...

E o profeta começa a profetizar
a si mesmo: "que ser uma "gran-
de" escola não é ser uma "boa"
escola". Crítica o satanismo como
o realismo do mundo da poesia, a
consciência moderna, a larva e agi-
lada consciência do homem con-
temporâneo revendo-se na esperan-
ça das suas próprias misérias e
abaixamento". Será essa a mis-
são da poesia? Não. A poesia é
um caminho para o ideal.

Nesse fatado de formação se en-
contra, quando os companheiros e
amigos, que com ele se iniciaram
em leituras sérias, contagiados pelo
seu sonho de humanidade, fundam
o "Cenáculo".

E' o ano de 1888, i da revolução
da Espanha, e da queda dos Bor-
bons. O profeta promette a re-
forma. "As revoluções não são
dramas nem epopeias, nem contos
de Hoffmann são problemas". E
escreve um trabalho sobre "Portu-
gal perante a revolução da Espa-
nha". Prega uma coisa inconce-
bível para quem o não conhece do
lado "ideal" prega a união ibéri-
ca; explica a revolução com uma
clara e fria do matemático. Ser
revolucionário não é fazer discurs-
sos sobre futuro, mas realizar, criando
estabelecimentos duráveis, operan-
do reformas de sustinência e
instituições. As revoluções trazem
a superfície o espírito do século,
que anda plogado em dogmas e
preconceitos. A Espanha faz-se de-
mocrática: só lhe falta ser republi-
cana. Portugal precisa da
mesma coisa. E então as razões
ideológicas vem justificar essa ar-
guente de certo revoltante e
anômala, para o terreno em que
audacosamente se erguia. Se não
é possível sermos justos, fortes, no-
bres, inteligentes, sendo de outro
lado os abismos da história essa
coisa a que já se chamou "nação
portuguesa", esta a nação, mas se-
jam aqueles para que nos criou a
natureza, sejamos inteligentes, no-
bres, fortes, justos, sejamos ho-
mens. — muito embora deixemos
de ser portugueses". E' extrema-
mente delicado analisar esta pas-
sagem do pensamento de Antero,
embora não seja difícil e sobre-
tudo nada tenha de deprimente
para o sentido do patriotismo do
Antero. O que diz a sua boca
"ideal" é que a Humanidade é uma
noção ainda superior à de Pátria,
que o homem nasce sem fronte-
iras, como sem fronteiras a Deus
e que é mais preciso salvar a na-
tura divina que trazemos em nós,
que defender as convenções políti-
cas estabelecidas pelos interesses
humanos.

Três anos mais tarde, esse gru-
po de intelectuais que se entregu-
a estudos mais amplos de história,
economia, filosofia, organiza as cé-
lebres conferências do Casino, des-
tinadas à instrução do povo, sobre
problemas de transcendência na-
cional e moral. Deve inaugurar-lhe
Antero, e para isso escreve um lon-
go trabalho explicativo das "con-
dições da decadência dos povos penin-
sulares nos séculos 18 e 19". Com
essa perseverança em dizer a ver-
dade que deve ter concorrido mu-
lto para o julgamento anormal, an-
tegra-se Antero à exposição con-
victa das referidas causas. E acen-
te que aponta estas três: uma
causa moral, uma causa econômi-
ca, e uma causa política. Eviden-
temente, a causa moral estava li-
gada à Igreja, depois do conflito
de Trento; a econômica, a política
ao absolutismo. Com estas três
causas, e a linguagem lapidária do
poeta; o seu fervor de apostolo da
liberdade, da justiça, do Bem, da
Razão; sua ânsia de salvar o mun-
do — de um lado; e do outro lado
os ministros da coroa com a sua
mentalidade, os jornais com a sua
corrupção e ignorância, produzida
pelas causas apontadas, — o resu-
lto das conferências foi o seguin-



O banco do jardim, em Ponta Delgada, onde Antero de Quental se suicidou

te: proibição de se continuarem a
realizar.

A Antero de Quental, o popular
paladino dos palácios escuros, a
Antero, o bom brigado a ser cruel,
cabe mais uma vez a defesa da si-
tuação. Foi quando se lembrou de
dizer aquela coisa inesquecível:
"que o país sofria por não pensar,
E, no dia em que se vai catrar
o pensamento, chega o sr. ministro
e lhe põe em cima a cartola ena-
lizada". E para lembrança lhe de-
lata mais estas recordações: "Que pen-
sariam Sócrates e Jesus das virtu-
des parlamentares do sr. Marquês
d'Avila?" E de tudo não levou ain-
da este documento, que é o final
da sua carta: "Excm. sr. Nem v.
nem v. excia, passaremos à histó-
ria; e muito menos às ineptas po-
líticas que v. excia. faz assinar a
um rei sonâmbulo. Mas supondo
por um momento que alguma des-
tas coisas possa passar ao século
XX, folgo de deixar aos vindouros
coisa que escrevi, a certeza duma
coisa: que em 1891 houve em Por-
tugal um ministro que fez uma
ação má e tola, e um homem que
teve a franqueza caridosa de lho
dizer".

Du, senhores, que aqui faço ape-
nas o papel de cronista, não me
posso furtar a relatar o documen-
to...

Virão agora tempos mais bonan-
çosos? Lá vai o poeta-profeta le-
vado para as regiões do socialismo,
que lhe são instantaneamente familiares,
por uma disposição amorável de
sentimentos reificadas pelo culto
de noções sublimas. Seu verdadeiro
caminho teria sido o caminho es-
pectacular da Filosofia, mas as
terrenas do mundo não estavam
preparadas, Deus não realizava
nenhum milagre... E pôe-se a orar
à razão:

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
mas uma vez escuta a minha pre-
ce...

Por ti é que a poesia moveida
de astros, e sóis e mundos perma-
nece...

Como a justificar suas altitudes
de cidadão, exclama, envolvendo,
como sempre, o céu e a terra:

Nas florestas solenes há o culto
da eterna, íntima força primitiva
na serra, o grito audaz da alma
lética,
do coração em seu combate inútil:

No espaço constelado, passa o
profeta
do inominado Alguém, que na sua
lávica
no mar, ouve-se a voz grave e
bárbica
dos deus que luta, poderoso e in-
culta.

Mas nas negras cidades, onde solta
se ergue, de sangue mádida a re-
volta,
como incêndio que um vento lá-
vico alia

há mais alta missão, mais alta
glória,
o combater, à grande luz da li-
berdade,
os combates eternos da Justiça!

O mundo porém não lhe parece
inspirar mais confiança que o céu.
Talvez, o homem, sim, o homem,
que a si mesmo se constrói con-
tinuando a Idéia de Vico, talvez
o homem realize em si o lugar ideal
de todas as altas esperanças.

"A Idéia, o sumo Bem, o Verbo, a
Essência
só se revela aos homens e ao mundo
no céu incorruptível da Conciência
lética".

O mundo porém, não lhe parece
inspirar mais confiança que o
céu. Talvez o homem, sim, o ho-
mem que a si mesmo se constrói
continuando a Idéia de Vico, talvez
o homem realize em si o lugar ideal
de todas as altas esperanças.

A Idéia, o sumo Bem, o Verbo, a
Essência
só se revela aos homens e ao mun-
do no céu incorruptível da Conciência
lética".

O mundo porém, não lhe parece
inspirar mais confiança que o
céu. Talvez o homem, sim, o ho-
mem que a si mesmo se constrói
continuando a Idéia de Vico, talvez
o homem realize em si o lugar ideal
de todas as altas esperanças.

A Idéia, o sumo Bem, o Verbo, a
Essência
só se revela aos homens e ao mun-
do no céu incorruptível da Conciência
lética".

E assim se aventura o poeta, a
anunciador de destinos, o homem
social a experiência do homem
moral. Escreve umas "Considera-
ções sobre a filosofia da história
literária portuguesa", em que re-
vela uma saúde, uma robustez de
estilo e força intelectual admirá-
veis. E do seu trabalho se extra-
um conselho precioso: o do de-
ver de ser latino como os alemães
se impõem o dever de ser germen-
ícos, com o que se salvam das
suas catástrofes".

Chegou o poeta aos 30 anos.
Continua a ler, a pensar, a criar
crítica literária e poesia sempre
que o verso lhe ocorre.

No entanto, as nuvens estão
crescendo no anfiteatro do hori-
zonte. O homem-lua vai vivendo
e sofrendo. Nunca se acalmam as

ANTERO

(Continuação da página anterior)

vazou em redor do arquipélago.
Quanto se inquietam as perguntas
do universo, em redor da sua ca-
lha...

Como um vento de morte e de
ruína,
a Dóvida soprou sobre o Universo.
Faz-se poeira de abito, imerso
a mundo em dera e alga, ne-
bilão.

Nem astro já reluz nem ave trina,
nem flor sorri no seu aereo berço.
Um voo mudo, vago, disperso,
emebrou a criação divina.

E no meio da noite monstruosa,
do silêncio glacial que paira e es-
tende
e seu sudário, donde a morte
pende,
a uma flor humilde e misteriosa,
como um vago protesto da exis-
tência,
deslancha no fundo da Conciên-
cia!

São mitos seguidos irão fazendo
branco da sua coração maravilhoso
e acorçado, flores de dúvida
e peregrino:

Nenhum de vós ao certo me co-
nhece!
astros do espaço, ramos do arvo-
reio,
nenhum adivinhou o meu segre-
do,
nenhum interpretou a minha pre-
fêreça...

Ninguém sabe quem sou... e mais
[parece]
que há de mil anos já, neste de-
[greio],
me vê passar o mar, vê-me o ro-
[chedo]
e me contempla a aurora que al-
[vorcece]...

Sou um parto da Terra, mon-
[truo];
de humas primitivo e tenebroso;
geração casua, sem pai nem
[mãe]...

Misto infeliz de trevas e de bri-
[lho]
sou talvez Salomão — talvez um
[filho]
bastardo de Jeová — talvez nin-
[guém]!

Acredita, sucessivamente, em
Deus, no Amor, na Natureza, na
Ciência, na Idéia, no Homem...
Se agora perder também a fé em
Deus, a que noção irá recorrer, pa-
ra acreditar, esse homem estran-
ho, que não pode viver sem uma
fé, uma luz que o prenda no
Oceano, esse espírito que anda
à flor das águas...

Esses negro coral, cujas passadas
escuto em sonhos, quando a som-
[bra] desce,
e passando a galope me aperce-
do, na noite nas fantásticas estradas,
onde vem ele? Que regiões sa-
[gradas]
e terríveis cruzou, que assum pa-
[rece]
tenebroso e sublime, e lhe estre-
[me]
não sei que horror nas crinas aci-
[ladas]?

Um cavaleiro de expressão po-
[tente],
femineira, mais plácida, no porte,
vestido de armadura reluzente,
cavalga a fôrta estranha sen-
[te]
[mor].
E o coral negro diz: "Eu sou a
"Morte!"
Responde o cavaleiro: "Eu sou o
"Amor!"

Irá acreditar na Morte, Ante-
[ro].
Adece. Vai para longe, curar-
[se].
Morte Michiel, Morte Her-
[cules].
Duns antigas delicias do
eu espírito.
Irá acreditar na Morte, Ante-
[ro].
Não. Por enquanto, não. Vai pro-
curar Deus, de novo. Fala-lhe co-
mo o Filho Pródigo, regressando,
mas incerto:

Não morreste, por mais que o bra-
[ço] de a gente
uma orgulhosa e vã filosofia!
Não se meode assim tão facilmente
o jugo da divina tirania!

Clamam em vão, e esse triunfo
[ingente]
com que a Razão — colada —
[se encubria],
é nova forma, apenas, mais pun-
[te],
da tua eterna, trágica ironia.
Não, não morreste, espectro!
[Pensamento]

como dantes te encara, e é o tor-
[mento]
de quantos sobre os livros desfa-
[llecem].

E os que folgam na orgia impia e
[devassa],
ai! quantas vezes, ao erogar a
[taga],
param e, estremecido, empalide-
[cem]!

E uma vez mais que torna ao
seu interrogatório, obtém uma res-
posta ainda mais triste que a per-
gunta:

Onde te escondes? Eis que en-
[tra]
suspirando e erguendo as mãos
[em vão]!
Já a voz enrouquece e o coração
está cansado — e já desce-
[ra] mos...

Por céu, por mar e terras pro-
[curamos]
o Espírito, que enche a solidão,
e só a própria voz pa imensidão,
fatigada nos volve... e não te
[achamos]!

Céus e terra, clamai, onde? non-
[de]!
Mas o Espírito antigo só responde
em tom de grande tedio e de pe-
[sar].

— Não vos queixeis, ó filhos da an-
[ti]cidade,
que eu mesmo, desde toda a eter-
[nidade],
também me busco a mim... sem
[me encontrar]!

Então, agora lhe vem não mais
uma fúria poderosa, um desespero
ardente e vivo, mas um frio des-
alento, enfraquecido:

Chamei em volta do meu frio leito
as memórias melhores de outra
[idade].
formas vagas que às noites, com
[piedade],
se inclinam, a espreitar sobre o
[meu peito]...

E disse-lhes: — No mundo inen-
[tado]
valia a pena, acaso, em ansiedade
ter nascido? disse-me com verdade,
pobres memórias que eu ao selo
[estreito]...

Mas elas perturbaram-se — enla-
[das]!
E empalideceram, contristadas,
ainda a mais fêla, a mais sere-
[na]...

E cada uma delas, lentamente,
com um sorriso mórbido, pungente,
me responderam: "Não, não valia a
[pena]!"

Irá acreditar na morte, Ante-
[ro].
O fatigado visionário se recolhe
à solidão da doença. Seu pensa-
mento transita por longos sítios.
Num deles encontra um negro ca-
valeiro. Trava-se este diálogo:

Na tua mão, sombrio cavaleiro,
cavaleiro vestido de armas pretas,
brilha uma espada feita de come-
[ta].
que rasga a escuridão como um
[luzelro].

Caminhas no teu curso aventurei-
[ro]
todo envolto na noite que proje-
[ta]...

Só o gládio de luz, com fulvas lu-
[tas].
emerge do sinistro nevoeiro...
— Se esta espada que empunho é
[errante],
responde o negro cavaleiro an-
[te] dantes
é porque esta é a espada da Ver-
[dade].

Firo, mas salvo... Prostro e des-
[brato]
mas consolo... Subverto, mas re-
[gato]...

E, sendo a Morte, sou a Liber-
[dade].
Fecha os olhos sobre a visão
sombria e do recesso de fustivo to-
dos os seus sonhos vem emergindo
outra visão, tranquilizadora: o
rosto fútil das ser-las com o
suave corpo das virgens e o olhar
eterno das mães:

Num sonho todo feito de incoer-
[tiza],
de noturna e indizível anseio,
é que eu vi tu olhar de piedade
e (mais que piedade) de tri-
[steza]...

Não era o vulgar artifício da
[beleza].
Um o ardor banal da mecenar-
[de]...

Era outra luz, era outra suavi-
[dade],
que ate nem sei se as ha na na-
[tureza]...

Um mistico sofrer... uma aven-
[tura].
fêta só do perdão, só da ternura
e da paz da nossa hora dorri-
[dora]...

O visio, visio triste e piedoso!
Fita-me assim calada, assim cho-
[rosa].
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Acorda de olhos calmos. Já não
crê mais no progresso. Heine diz
que a poesia vai morrer. A poesia
deixou de ter função social. Já
não estamos nos tempos abstratos
quando os cantores eram inter-
mediários de Deus, nem nos tem-
pos helenos, em que se venerava
Esquilo, nem a Divina Comédia é
mais explicada ao povo.

E recorda em belos artigos col-
tas que viu pela mundo. Nor-
mandia, Inglaterra, Veneza...
Vai-se afastando do mundo.
Ainda crê no bem. Ainda é en-
tusiasta de converter-se e chorar.
Diz coisas tranquilas: "O jo-
nio é a paciência, a vontade
constante, a constante atenção;
por outras palavras, o gênio é o
amor, porque o amor é tudo isso,
ou implica tudo isso".

O profeta vai transfigurando
seu pensamento dentro do seu co-
ração, num silêncio trabalho
perseverante. Nunca lhe assentou
tão bem o espírito de Santo que
alguns amigos já lhe consagravam
de longos anos.

Quando de sua distância volta os
olhos ideais para a terra, logo vi-
sões de tristeza os veem toldar.
"O mundo parece novamente at-
cado de verigem, parece mais uma
vez apelar para a sem-razão, para
os instintos bestiais e para uma
superfície mais monstruosa tin-
da do que as passadas; a super-
fície da força". E pergunta a si
mesmo se terá de chorar na velhi-
ce as lágrimas que chorou há de
Mirando.

Tem 48 anos. Os amigos consu-
mavam saber da sua alma pelos
notas que escrevia. Que poemas
andou escrevendo? Ou antes, que
visões tiveram os olhos, que con-
versas trocaram os lábios do seu
rosto ideado?

Andou recordando os mortos:

Os que amei, onde estão? Já não
[dispersos].
arrastados no giro dos túfios,
levados, como em sonho, entre
[visões].
na fuga, no rufar dos universos...

Mas se paro um momento, re-
[colajo]
fechar os olhos, sinto-os a meu
[lado].
de novo, esses que amei: vivem
[contigo].

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me tam-
[bem].
Juntos no antigo amor, no amor
[sacrado],
na comunhão ideal do eterno
[bem].

O Bem é uma das suas crenças
derredadeiras. Em visões dolorosas,
ante o mar e céu em luto, esse
homem — ilha viril onde, co-
necia a aniltecer:

Um al sem termo, um trágico ge-
[nifido]
eco, sem cessar ao meu ouvido,
com horrível, monótono, val-
[vem]...

Só no meu coração, que sendo e
[meu],
não sei que voz, que eu mesmo des-
[conhecido],
em segredo protesta e afirma o
[bem]!

Tudo mais vai ficando longo:
sua discussão sobre filosofia, po-
lítica, educação, socialismo, sua
ironia de profeta adeus, suas
formas de apelação da Verdade,
Problemas arcaicos, proletários
literários... Amigos... Os auto-
res amados... Agora parece vis-
lbrar-se Darwin: Inimigos...

Fui rocha, em tempo, e fui, no
[mondo antigo]
tronco ou ramo na incognita flo-
[resta]...

Hole sou homem — e na sombra
ferno
vejo a meus pés a escada multi-
[florine],
que desce em espirais na imensi-
[tude].
Interrogo o infinito e às vezes
[lecho]...

Mas tendendo as mãos no vácuo,
[luchro]
e aspiro unicamente à liberdade.

Darwin? Talvez a Índia das me-
[temperas].
"Quando a aspiração de liber-
dade, também já tinha dito:
"Deus, se Deus fosse possível, se-
ria esse ser absolutamente li-
vre..."

E como vai tão leve, nas suas
contemplações, remove-se com o
peso, a desigualdade do mundo, co-
mo a sua passagem de pura forma
ideal:

Vozes do mar, das árvores, do
[ventil]
Quando às vezes, num sonho do
[louro],
me embalo o vosso canto poderoso,
eu julgo igual ao meu vosso tor-
[mento]...

Verbo crepuscular, íntimo alento
das coisas mudas, salmo miste-
[rioso];
não serás tu, que hume vaporeiro
o suspiro do mundo e o seu la-
[mento]?

Um espírito habita a imensidade;
uma ânsia cruel de liberdade
ágil e abala as formas fugitivas.

E eu compreendo a vossa língua
[estranha],
vozes do mar, da selva, da mon-
[tanhã].
Almas irmãs daminha, almas ca-
[lidas].

Não choreis, ventos, árvores e
[mareas].
coro antigo de vozes rumorosa,
das vozes primitivas, dolorosas,
como um pranto de larvas tumba-
[res]...

Da sombra das visões crepuscula-
[res]
rompendo, um dia surgireis tra-
[dições].
desse sonho e essas ânsias fron-
[teiras].
que exprimem vossa queixa sin-
[gular]...

Almas no limbo ainda da exis-
[tência].
acordareis um dia na Conciência,
e falando, já puro pensamento,
vereis as Formas, filhas da Ilusão,
cair desfeltas, como um sonho
[vão]...

E acabará por fim vosso tormento.
A tudo parece andar dizendo
adeus — um adeus bondoso de
quem passou a vida a buscar uma
esperança para ensinar aos ho-
mens, e sofre de não a poder tra-
duzir com clareza.

As lembranças de Hegel, sobre o
real e o aparente, os arquipélagos
do Platão, e a desintegração indiana
de todas as contingências para a
abnegação do Eternos no Eterno
vão sendo vividas por este homem
singular que, no mais profundo
momento de nihilismo, esteve se-
mpre construindo alguma coisa.

Enão, uma grande paz se apro-
xima do Santo:

"Já sossega, depois de tanta luta,
já me descansa em paz o coração.
Cal na conta, enfim, de quanto é
[vão].
o bem que ao Mundo e à Sorte se
[disputa].

.....
.....
.....

Não é no vasto mundo — por
[imensa]
que ele pareça à nossa incidência —
que a alma sacia o seu desejo in-
[tense]...
Na esfera do invisível, do intangi-
[vel],
sobre desertos, vácuo, solidão,
vôa e paira o cubito impassível!"

Quando, Portugal ofendido pela
Inglaterra, os estudantes do vito
buscar para certa solidão de re-
habilitação, já vai ele — com to-
dos os seus "eus" de outrora, e
este, recente, que sempre menos se
vê, por mais puro e também por
mais triste. Que avistam, na sua
frente, os seus olhos ideais?

"Que é o mundo, ante mim? furo
[condendo].
visões sem ser, fragmentos de exis-
[tência]...
Uma névoa de enganos e impas-
[síveis]
sobre vácuo insondável rasteja-
[do]...

E dentre a névoa e a sombra uni-
[versal]
só me chega um murmúrio feito
[de alis]...
E a queixa, o profundíssimo re-
[mido]
das coisas, que procuram cega-
[mente]

na sua noite e dolorosamente
outra luz, outro fim só presen-
[tado]...

Aquele movimento estudantil ti-
nha de ser, ainda, uma desilusão.
Nada permanência, em redor do
profeta entristecido. Ele, sim, re-
aperfeiçoara. Mas que vale a per-
feição de um homem, num mundo
de homens imperfeitos?

Uma estranha voz pôe-se a dizer-
lhe coisas graves e calmas:

"Deixai-os vir a mim, os que li-
[taram].
deixai-os vir a mim, os que pade-
[cem];
e os que cheios de mágoa e tédio
[encarnam]
as próprias obras vãs, de que es-
[carnecem]...

Em mim, os Sofrimentos que não
[sacram].
Paixão, Dóvida e Mal, se desma-
[cem].
As torrentes da Dor, que nunca
[param],
coo num mar, em mim de a, a,
[recor]...

Assim a Morte diz. Verbo vladado,
silencioso intérprete sagrado
das coisas invisíveis, muda e fria,
é, na sua mudez, mais reumante
que o clamoroso mar; mais ruti-
[nante],
na sua noite, do que a luz do dia".

E como deve andar cansado de
monólogos, esse homem que toda a
vida esteve inclinado para o ideal
silencioso, aceita agora esta sobre-
humana conversa, e responde:

"Por ti me engolfo no noturno
[mundo].
das visões da região inominada.
a ver se fixo, o teu olhar: profun-
[do]...

Fixa-lo, compreende-lo, basta uma
[hora].
funerária Beatrix de mão galeada!
Mas única Beatrix consagrada!"

Só agora um diálogo começa para
o homem-deserto, a ilha do meio
do mundo... Se interrompe a con-
versa lírica, é para relatar sobre
seu tema: "Durante muito tem-
po, a idéia da morte passou dra-
porebida para o seu espírito. Lem-
bra-me que quando era rapaz, em-
bra não temesse morrer e não
arriscasse a vida facilmente; ali-
tava sistematicamente pensar na
morte, porque, dizia eu, como era
coisa que nunca tinha experimen-
tado não podia ter ideia alguma
sua."

"Mais tarde, Proibam, depois
pessoas caras morrer, a dorça
também. De todas as coisas re-
flexões sobre este lato universal,
resultou a seguinte filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc".
E adiante desse período nessa
mesmo incompleto, anota:

(Continua na pág. seguinte)



Os conferencistas do Casino com as bocas arrochadas. Vê-se Antero de Quental, Ego de Queiroz, Adolfo Coelho, Jaime Batalha Reis e Salomão Saragga

O SUICÍDIO DE DOIS POETAS

Antero de Quental e Enrique Kleist, por Ernest Feder

Os tiros ouvidos na noite de 11 de setembro de 1891 na ilha de S. Miguel, junto ao Convento da Esperança, tiraram a vida a um poeta, bem como 80 anos antes, do dia 21 de novembro de 1811 na praia do lago Wansee, perto de Berlim, haviam dado a morte a outro poeta. Nada, porém, mais antitético que o suicídio de Antero de Quental e o de Enrique Kleist. Se ao primeiro podemos chamar um suicídio do pessimismo, o segundo só há-de ser tido como o do optimismo. Aquelle é como que o apagar de um fogo lá muito bruxoileante; este e como que o ateamento de uma labareda mais intensa do que as que iluminavam a vida. Um marca o mais baixo ponto de uma existência; outro, o mais alto cimo.

Irmam-se os dois poetas no fato de terem destruído muitas de suas obras, confissões íntimas que poderiam mostrar-nos, mais nitidamente, o estado de alma do autor. Cinco dos poemas repassados do mais profundo pessimismo, que o próprio Quental arguia de "lúgubres". Oliveira Martins os salvou da destruição porque deles tinha cópias em seu poder. Essas poesias macabras foram, já, comparadas ao livro de Job. Ocorre, porém, uma diferença: o homem do país de Uz, amparado por sua convicção religiosa, venceu todas as provações que experimentou, ao passo que o poeta português succumbiu mal sustido pela filosofia alemã a que se devotara.

Para definir a mentalidade da geração moça que se zampenhara nos combates da "Questão Coimbrã", disse Quental: "Havia em Portugal um grupo de quinze a vinte rapazes que não queriam saber da Academia, nem dos académicos; que já não eram católicos nem monárquicos; que falavam de Goethe e Hegel, como os velhos tinham falado de Chateaubriand e Cousin". E' certo que esta poesia e filosofia alemã tinham virido por via francesa. E' ele próprio quem o confessa, na carta autobiográfica dirigida ao dr. Storck tradutor alemão dos "Sonetos", dizendo que lera o "Fausto" de Goethe na tradução francesa de Blaze de Bury; que percorreria o livro de Remusat sobre a nova filosofia alemã, e que com Hegel, também travava conhecimento através das traduções francesas de Virá. "Não sei se o entendi bem. Em todo o caso o hegelianismo foi o ponto de partida das minhas especulações filosóficas". O poeta português a si mesmo perguntou, como espanto, como poderia acomodar este culto pelas doutrinas do apologeta do Estado prussiano com o radicalismo e o socialismo de Michels.

Quinet e Proudhon. E responde: "Mistérios da incoerência da mocidade!" Está enganado. O hegelianismo se vê no fundo do socialismo alemão e do comunismo internacional de Karl Marx.

Não foi, todavia, na filosofia de Hegel e sim na de Schopenhauer que Quental achou as fontes ou, melhor, a expressão de um pessimismo que lhe foi ensombrando, cada vez mais, a vida e a obra; nos livros de Schopenhauer como nos escritos budistas cuja imagem do mundo tanta afinidade tem com a do pensador alemão.

E' esta influência que se faz sentir nos seus "Sonetos" em que a Morte representa papel preponderante, essa Morte que ele gosta de associar ao Amor como no "Elogio da Morte":

"Nesta viagem pelo ermo espango
Só busco o teu encontro e o
[teu abraço,
Morte! irmã de Amor e da
Verdade."
ou no "Mors-Amor":

"Cavalga a estranha fera
[sem temor:
E o corcel negro diz: eu sou
[a Morte!
Responde o cavaleiro eu sou
[o Amor!"

Mas o seu encontro real com a Morte, descreve-o no Soneto assaz pessoal, "Anima mea", no qual a Morte que lhe dizia:

"Eu não busco o teu corpo.
[Por um trofeu
Glorioso de mais... Busco a
[tua alma"
responde: "A minha alma já
[morreu".

Sua alma havia, já abandonado o corpo quando o seu revoar o matou. A mesma resposta pudera ter dado Stefan Zweig ao hóspede invisível que o procurou em Petrópolis, na casinha da rua Gonçalves Dias.

Muito outro era o sentimento de Enrique Kleist quando, à beira de um pequeno lago, foi ao encontro da morte junto com uma mulher muito idosa, bastante feia e gravemente enferma, que ele não amava e a quem só apreciava como companheira da última viagem. Para Kleist, que tinha sempre a morte diante dos olhos, ela não era destruição, fator negativo, mas uma alegria suprema, a última, a mais alta afirmação. Oficial prussiano era, não por convicção íntima, mas por tradição de família. Ainda na Academia Militar, preferia tocar flauta a enfrentar-se nas lições da arte da guerra. Era tão pouco oficial prussiano que, certa vez, de Pa-

ris, depois de haver queimado o seu "Guiscard", insatisfeito com sua futura obra-prima, escrevia à irmã: "O céu recusa-me a glória, suprimo bem da terra. Desprezo os males". E, deliberado a alistar-se no exército francês para tomar parte na invasão da Inglaterra, tentada por Napoleão, corre a Bolonha onde o encontrou e reconheceu um amigo e confraternal.

Estimulado pelas mais altas ambições, ele que almeja arrebatado a coroa de Goethe e com seu "Guiscard" pretende ir além de Sófocles e Shakespeare juntos, so senta vencido na vida e quer vencer na morte. E, em verdade, festeja-a como uma vitória. Possuimos o relato pormenorizado do dono da hospedaria onde o poeta e sua companheira passavam as derradeiras horas. Descreve-nos a alegria e a satisfação que inundavam essas duas almas. As cartas de adeus que o poeta escreve à irmã Ulrike e a Maria, sua prima a única mulher que ele amou verdadeiramente, são as mensagens mais transbordantes de alegria que lhe saíram da pena. Do alto "como dois aviadores felizes", conforme expressão sua, olham para a terra. Pela vez primeira sente-se vencedor e afortunado. Assim, encerra a carta: "Que o céu te dê morte semelhante à minha, cheia de inefável felicidade. E' o que de mais curial e sincero te posso desejar". A seguir tomam café ao ar livre, à beira do lago, num sítio em que se desortina a mais ridente paisagem e para onde fazem transportar mesa e cadeiras. Ali ele mata a companheira e, após, com um tiro na boca, tal como fizera Quental, põe termo aos seus dias.

Seus melhores amigos, os que mais de perto o conheciam, não se mostraram surpreendidos com sua morte. Assim Camilo Castilho Branco, ao visitar, em 1884, o jovem estudante de Coimbra, tinha o pressentimento de que Antero de Quental acabaria pelo suicídio.

Dêle disse, comparando-o com dois poetas franceses que o destino condenou ao mesmo fim: "Se as paixões deste mundo não o apagassem, de-praça, ao seu todo, este modo não seria mais feliz que Hegesippe Morzag e compreenderia melhor que eu, as febres e o trespasse de Gerardo de Nerval." Tinha razão Camilo. Mas o seu suicídio precedeu o de Quental.

Se o tumulto da Ilha de São Miguel tomou um "não" pessimista e descaído, ado e o que está à beira do lago Wansee, um "sim" optimista e entusiasmado, poderíamos escrever, em ambas as lousas o quarteto que João de Deus dedicou ao seu confrade coimbrão:

Aqui... Jaz pô; eu não; eu
[ou quem fui
Raio animado de uma luz ce-
[leste
A qual a morte as almas res-
[titue,
Restituindo à terra o pô que
[as veste".

ELOGIO MÚTUO

Antero de Quental

...O elogio, essa, é outra coisa. E' moda corrente na literatura contemporânea. E' moda boa de lei, que me asseguram pessoas entendidas terem muitas das nossas primeiras celebridades achado melhor parte das suas riquezas da nomeada e glória, na gaveta onde os seus amigos íntimos guardam aquele Poeta de frases douradas, com que se compra a vigilância de Arpós literários de seniência, as portas estreitíssimas da Reputação...

(Da Introdução aos Contos da Solidão, de Manuel Ferreira da Portela).

A IMENSA MISSÃO DO ESCRITOR - Antero de Quental

...A imensa missão do escritor. E' um sacerdócio, um ofício público e religioso de guarda incorruptível das idéas, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso toda a altura, toda a nobreza interior são pouco ainda. Para isso toda a independência de espírito, toda a despreocupação de vaidades, toda a liberdade de jogos impostos, de mestres, de autoridades, nunca será de mais. O mineiro quer os brucos aditos para cavar buscando o ouro entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da não por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escritor quer o espírito livre de jogos, o pensamento livre de preconceitos e respetos inúteis, o coração livre de vaidades, incorruptível e imterato. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o lugar de emisor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas inconstantes e injustas, ou pelo patronato degradante dos grandes e dos lustras, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela ciência, pelo paciente estudo de si e dos outros pela limpeza interior duma alma que só vê e busca o bem, o belo, o verdadeiro.

Este é o escritor, o poeta, o apóstolo.

ESBOÇO DE UMA BIBLIOGRAFIA ANTERIANA - M. L.

Com os subsídios fornecidos por Inocêncio, por vários estudos do In Memoriam dedicado a Antero de Quental e pelas anotações bibliográficas da edição das "Prosas" (Livraria Couto Martins, Lisboa) — entre outros elementos — foi-nos possível tentar um esboço de bibliografia do grande poeta.

Fornecemos-lo ao leitor, a título de auxílio para outros trabalhos mais completos. Diz esse esboço de bibliografia:

— A História — Imprensa da Universidade (?) — 1860 (?)
— Sonetos de Antero — Editor Stenio, Coimbra. Imprensa Literária, 1861 (XII-33 pgs.). (Inocência se refere a uma coletânea de sonetos de Antero, numa edição íntima de mil exemplares, feita para ser distribuída apenas entre amigos; declara nunca tê-la visto. Será provavelmente a essa edição de 1861 que o erudito bibliógrafo se refere).

— Fict. Luz, Coimbra, 1863.
— Odes Modernas. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1865. Segunda edição em 1935. Nova edição em 1938, conforme a 2.ª e seguida de alguns apêndices. Imprensa da Universidade — Coimbra.

— Defesa da Carta Evangélica de S. Pio IX contra a chamada opinião liberal — Imprensa Literária, Coimbra — 1865.

— Bom Senso e Bom Gosto — Imprensa da Universidade — Coimbra — 1865.

— A dignidade das letras e literaturas oficiais — Tipografia Universal — Lisboa — 1865.

— Portugal perante a revolução da Espanha. Considerações sobre o futuro da democracia portuguesa na posição de vista da democracia ibérica — Tipografia Portuguesa — Lisboa — 1868.

— Primavera romântica. Versos dos vinte anos (1861-1864) — 1871 — Segunda edição em 1922 — Imprensa da Universidade — Coimbra.

— O que é a internacional. O socialismo contemporâneo. O programa da Internacional. A organização da Internacional — Tipografia do Futuro — Lisboa — 1871.

— Conferências democráticas — Causas da decadência das povos peninsulares nos três últimos séculos. — Discursos pronunciados na noite de 27 de maio, na sala do Casino Lisboense. Tipografia Comercial — Porto — 1871.

— Carta do ermo, sr. Antonio José d'Ávila, Marquês d'Ávila, presidente do Conselho de Ministros — Tip. do Futuro, S. d. (1871).

— Considerações sobre a Filosofia da história literária portuguesa — Tipografia de Antonio José Teixeira — Porto — 1872.

— Os críticos do "Fausto" (15 pgs.) — Porto — 1873.

— Estatutos da Associação Protectora do Trabalho Nacio-

nal — Tip. de J. C. de Almeida — Lisboa — 1873.

— A poesia na actualidade, a propósito da Zina Intima de Joaquim de Araújo — (28 pgs.) — Oficinas de João Eduardo Alves — Porto — 1881.

— Tesouro poético da infância. — Coligido e ordenado por Antero de Quental — Ern. Chandon — Porto — 1883.

— Sonetos completos — publicada por Oliveira Martins — 1886 — Livraria Portuense, de Lopes & Cia., Porto — 2.ª edição aumentada com um Apêndice contendo traduções em alemão, francês, italiano e espanhol. Livraria Portuense, de Lopes & Cia., Porto, 1890. — Nova edição da Imprensa da Universidade, Coimbra, 1933.

— Raios de extinta luz — publicado por Teófilo Braga com um prólogo biográfico. — Lisboa — 1892.

— Antero — Cadêncas Joaze — Versos coligidos por Joaquim de Andrade. — Tipografia da Academia Real das Ciências — Lisboa — (32 pgs.) — 1892.

— Antero de Quental — Serenata — Edição de 30 exemplares. Impresso por ordem de Joaquim de Araújo — Tipografia Occidental. — Porto — 1894.

— A "Filosofia da natureza", das Naturalistas — Publicação de Eugénio Vaz Paredão de Canto e Castro — Ponta Delgada — 1894.

— Resposta aos jornais católicos — Publicação, em apêndice, de Rodrigo Velloso — Barretos — 1893.

— Carta autobiográfica a Guilherme Storck.

— Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX, publicado em ns. 1, 2 e 3 (Janeiro, fevereiro e março) da Revista de Portugal — 1890.

— Discurso lido na sessão de 7 de março da Liga Patriótica do Norte (s. d.).

— Ensaio sobre as Bases Filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade. Arquivo dos Actos — Ns. 11 e 12, do V-XII — Ponta Delgada.

— Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins. — Couto Martins, Lisboa.

— Cartas de Antero de Quental. — Couto Martins — Lisboa.

— Prosas, três volumes. — Couto Martins. — Lisboa. — (Impressas na Imprensa da Universidade). — Coimbra — 1931.

POESIA E SABER

Antero de Quental

...A Poesia, hoje, não pode contentar-se com o ingenuo e descuidado descaído do "travador". E' já quase uma ciência — e que ciência! — a ciência do Ideal! E' preciso que saiba, e muito... sabia tanta quanto sente. E' do domínio do coração — com esta condição: de ser também do domínio da inteligência...

Retrato ideal de Antero

(Continuação da pag. anterior)

"A Idéia da Morte é a base da vida moral. Os seres que a não têm, (filhas, animais) não são morais — são bons ou maus, que não. Se o homem fosse imortal seria exactamente no mesmo caso, por muito que a sua razão percebesse. Por que? Porque, sendo imortal, adorava-se, considerava-se absoluto. Mas a consciência da sua finitude é que lhe faz sentir que o eu pessoal sendo nada, não é para esse que deve viver, mas para algo de eterno".

E assim, entre palavras líricas e lógicas, prossegue o meu diálogo com o invisível. E de tal modo com elle entretenho que, uma tarde, pura de todo se libertar e ser mais leve, destrói o corpo que o estorva nesse idílio. Camilo não fizera o mesmo, no ano anterior? Imagina, senhores, que S. Miguel, o patrono daquela ilha onde o poeta se foi matar, S. Miguel, o pastor das almas, depresso de repente aquele largo friso, diante daquela igreja, ali onde o poeta uma pobre coisa de fogo a lama... E o arcório de longas asas se lançasse à procura de pecados que pesar na sua balança.

Da boca arrebatada do poeta, sua voz ideal murmuraria:

"Na mão de Deus, na sua mão direita
descansou, afinal, meu coração.
Do palácio enfeitado da Ilha, desci a passo e passo a escada es-
[treita]

Como as flores mortais, em que tudo se anula,
a ignorância infantil, descei vãos de pais do Ideal e da Paixão a forma transitória e imperfeita.

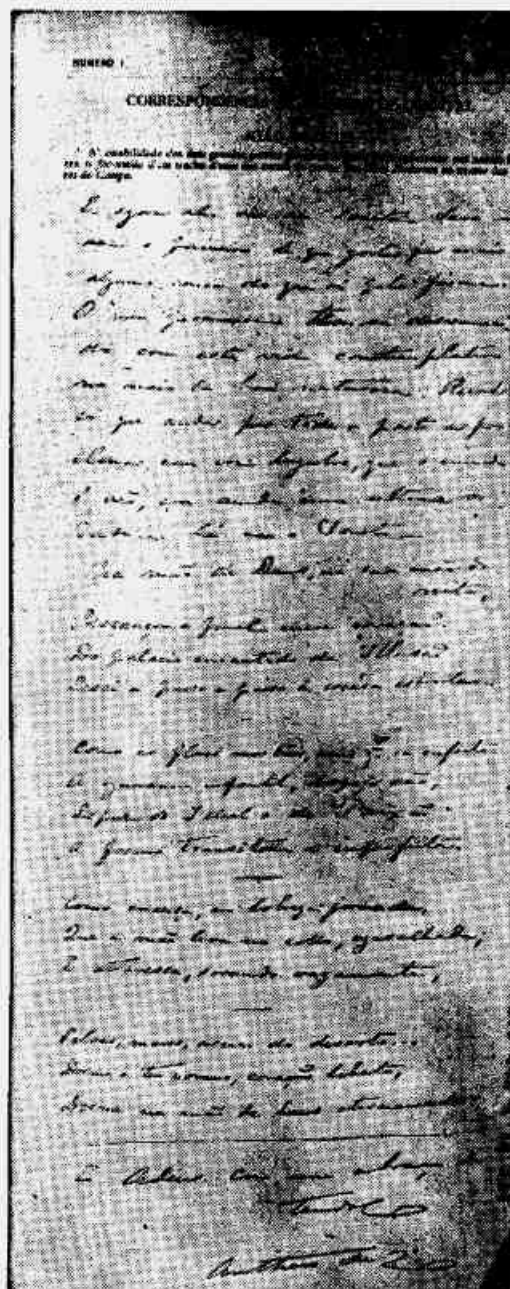
Como criança em breve jornada que a mãe leva ao colo amantado, e atravessa, sorrindo vagamente,

selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração libertado,
Dorme na mão de Deus eterna-
[mente!]

E o arcório fecharia sobre ele as suas asas. Que pecado pode ter um homem que deixou seu coração na mão de Deus? E onde, sendo ali, poderia, realmente, estar aquele que neste mundo não encontrou onde bater com seu ritmo excepcional?

Correspondência de escritores:

Carta de Antero de Quental
a João de Deus



E agora aí vai um soneto. Será talvez o primeiro de que gostas por mais alguma coisa do que só pela forma. O meu pesimismo tem-se desvanecido com esta vida contemplativa, no meio da boa natureza. Reconheci que andar por toda a

ISOLAMENTO
Antero de Quental

Esforço-me por me isolar, e sobretudo isolar o espírito pela leitura. Mas esta sequestração moral é o mais difícil. A minha filosofia, não sei bem porque, falha-me na prática. Anseio a solidão tanto mais ardentemente quanto mais difícil de realizar vejo este meu desejo, que é ao mesmo tempo a mais profunda necessidade da minha natureza. Esta vida desgosta-me: e o desgosto com o meu temperamento recio que me leve ao embotamento. Não conto nascer aqui mais que um ano. Meus dias não são possíveis também, porque a minha saída antes desse prazo deve parecer estranha à família e até magoá-la. Mas, fora esta condicional, tudo me leva para longe daqui. Para onde?

parte a proclamar, com voz lugubre, que o mundo é vão, era ainda uma última vaidade... Lá vai o soneto.

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Descei a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo
Depux do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em tóbreja jornada,
Que a mãe leva ao colo, agazalhada,
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto
Dorme o teu sono, coração libertado,
Dorme na mão de Deus eternamente!

E adeus. Com um abraço do teu de C. ANTERO DE QUENTAL.

SINTESE DE ANTERO DE QUENTAL

(Trecho de artigo)

Há no cemitério de Nantes um túmulo monumental, o de Julio Verne, adivinhador seduzido dessas técnicas. O torso nu do romancista emerge da terra e levanta angustiosamente os olhos e os braços ao céu numa aspiração impossível — impossível, porque uma pesada laje sobre os rins o subjuga e lhe inutiliza o esforço evasivo para o azul, para a liberdade, para Deus. Sempre me pareceu que este mármore traduzia verdadeiramente a tragédia da especulação filosófica e da ansiedade poética de Antero.

Hoje, o poeta genial viveu entre os homens, a compreender com bondade o mundo de cada dia, a gentuça de cada hora, os humildes e os pequenos. Sobre as misérias da política pensou idéias e escreveu páginas do mais candente realismo e aos sofrimentos, que presenciou, deu a melhor e mais compassiva simpatia. Houve quem se imortalizasse só porque dele recebeu caridade, tal a magia do gênio! Um criado de D. João III e lembrado na história porque recebeu uma cutelada de Camões: e quem visita o convento de freiras do Lorvão logo recorda que Herculano pediu esmolas para elas... Antero era um metafísico e um poeta de altíssimo voo, que praticava com mestria a caridade e a amizade, sabia acariar as crianças, por amor de quem iniciou a literatura infantil, e sabia debruçar-se sobre todos os corações com suave sorriso e repartir a clareza da sua alma, sem orgulho. Foi um poeta de gênio e foi um pensador, mas foi mais do que isso, foi um homem que soube usar a centelha divina da inteligência para subir a excelssitude da santidade.

O mundo só se salvará pelo renascimento do culto do espírito, sem restrições, sem reservas mentais, sem estratégias de partido, com fé total. Vamos ao terreiro, para além da cidadela, recolher os poetas, coroa-los de rosas e restabelece-los nos seus altares.

Nenhum poeta português, nenhum homem de Portugal, muito poucos espíritos europeus do século XIX serão mais dignos do nosso culto, mais adequados para fulcros desse renascimento, do que Antero de Quental, pela pureza do coração e pela elevação do espírito. Ele é um próximo parente espiritual de Mozart, de Beethoven, de Kant, de Herculano, de Leopardi. Só para recorrer esse zodiaco vale a pena viver.

Em vez de fazer crítica panfletária contra os que traíram o espírito, é mais fecundo erguer símbolos, restabelecer cultos, reacender velhas lareiras. Em todos os erépisculos da história assim se fez, desde São Bento de Nureia. Glorifiquemos Antero de Quental, poeta, filósofo e mestre incomparável da arte de ser homem!

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Pensamentos de
Antero de Quental

Desde que me convenci de que a vida não é boa nem má, vivo extremamente sossegado.

A verdadeira elegância vem da força e simplicidade do pensamento, exprimindo-se com rigor e sinceridade.

Não devemos exigir de nós mesmos mais do que é justo exigir-se da natureza humana: isto é, não devemos em coisa alguma exigir a perfeição, mas contentarmo-nos com a bondade e retidão das intenções.

Não está tudo em sermos caridosos com os outros; é necessário sê-lo também com nós mesmos.

Só é verdadeiramente livre aquele que sabe limitar voluntariamente a própria liberdade.

A CARLOS BAUDELAIRE

(Autor das "Flores do Mal")

ANTERO DE QUENTAL

Ó Carlos Baudelaire! ó poeta impassível!
Fino lábio a sorrir — um estranho olhar!
Tua boca descreve o eufónico, o horrível,
Enquanto a tua voz parece só cantar...

Indiferente pats, como a desdem, pisando
Um chão de vício e horror com passo original,
Na tua mão "gauche" trazes, como brincando,
Um sinistro "bouquet", a negra "flor do mal"!

O ténico — o que faz arrefecer no peito
O coração dos mais — poeta, é, para ti,
Só prefeto, talvez, algum feliz conceito,
Um verso original, uma rima que ri...

Dante do Boulevard, cantas o desespero
Ao som de uma ária vã, como um fútil rondó...
Pintar, deixas-nos ver a alma escura de Nero
Com o "repligé" e a cor de Boucher ou Watteau...

Essa fronte de neve, esse crânio de gelo,
Se os estalasse alguém, veria, creio eu,
Surgir o uniforme ser — Byron, Polichinelo
Confundido num só, co'a a face de Asmodém!

E o mal com consciência, e tanta, e tão terrível,
Que dá na afeição, nas frases "rococó"...
E esse olhar fixo e estranho, e essa fronte impassível
Causam frio mortal, mas do que pranto e dó...

Sim, à luz da alvura e em plena primavera,
Ver só o inseto vil, que roe a bela flor,
(Em despeito do estilo e da rima severa)
Não se faz sem sofrer... tu conheces a dor!

Tu sabes o que é dor, ó sereno estilista!
Sob o fraque do dandy há em ti, bem o ves,
Um poeta, um leão, um demónio, que o artista
Pode a custo conter, domar, calcar aos pés!

Considero esse olhar indistível e fito,
E esse lábio cruel... e parece-me ouvir:
— "Nesta vida sem Deus, neste mundo maldito,
Já não há que chorar... o melhor é sorrir!"

Habita dentro em ti, mudo mas implacável,
Como em remorso antigo, um pensamento atroz...
E o velho pecado, a herança expiável
Do mal das gerações, dos vícios dos avós!

E's o símbolo, tu, dum século fantasma,
Tão sábio que é alien, e já não quer chorar...
Que tem cães sem ser velho, e que de nada pasma,
Olhando o mundo à luz do gaz do Boulevard...

Somos todos assim — um triste olhar que chora
E encobre, chocorreira, a luneta do tom...
Um esqueleto frio e horrível — mas por fora
"Irreprochablement" vestido à Benetton!...

(Primaveras Românticas)



Antero de Quental em 1884, quando se formava em Coimbra

Algumas poesias de Antero de Quental

HINO DA MANHÃ

Tu, esta, é alegre luz da madrugada,
Sube, cresce no céu, pura e vibrante,
E eu che de força o coração triunfante
Dos que ainda esperam, luz immaculada!

Mas a mim põe-me tu tristeza imensa
No desolado coração. Mais quero
A noite negra, irmã do desespero,
A noite solitária, imóvel, densa,

O vazio mudo, onde astro não palpita,
Nem ave canta, nem sussurra o vento,
E adormece o próprio pensamento,
De que a luz matinal... a luz bendita!

Porque a noite é a imagem do Não-Ser
Imaculada do repouso inalterável
E do esquecimento inviolável,
Que aninha o mundo, farto de sofrer...

Porque nas trevas sonda, fixo e aborto,
O nada universal o pensamento,
E despreza o viver e o seu tormento,
E glória, como quem está já morto...

E, interrogando intrépido o Destino,
Como reu o renega e o condena,
E virando-se, fita em paz serena
O vazio augusto, plácido e divino...

Porque a noite é a imagem da Verdade,
Que está além das coisas transitorias,
Das paixões e das formas ilusórias,
Amor somente há dor e falsidade...

Mas tu, radiante luz, luz gloriosa,
De que és símbolo tu? do eterno engano,
Que envolve o mundo e o coração humano
Em rede de mil malhas, misteriosa!

Símbolo, sim, da universal traição,
Duma promessa sempre renovada,
E sempre eternamente perjurada,
Tu, mãe da Vida e mãe da Ilusão...

Outros estendam para ti as mãos,
Suplicantes, com fé, com esperança...
Ponham outros teu bem, sua confiança
Nas promessas e a luz dos dias vão...

Eu não! Ao ver-te, penso: Que agonia
E que tortura ainda não provada
Hoje me ensinara esta alvorada?
E digo: Por que nasce mais um dia?

Antes tu nunca fores, luz formosa!
Antes nunca existisses! e o Universo
Ficasse inerte e eternamente inerte
Do possível na névoa duvidosa!

O que trazes ao mundo em cada aurora?
O sentimento só, só a consciência
Duma eterna, incurável impotência,
Do insaciável desejo, que o devora!

De que são feitos os mais belos dias?
De combates, de queixas, de terrores!
De que são feitos? de ilusões, de cores,
De misérias, de máguas, de agonias!

O sol, inexorável semeador,
Sem jamais se cansar, percorre o espaço,
E em borboletas lhe jorram do regaço
As sementes inúmeras da Dor!

Oh! como cresce, sob a luz ardente,
A seara maldita! como freme
Sob os ventos da vida e como geme
Num sussurro monótono e plangente!

E cresce e alastra, em ondas voluptuosas,
Em ondas de cruel fecundidade,
Com a força e a sutil tenacidade
Lavando, das plantas venenosas!

De podridões antigas se alimenta,
Da antiga podridão do chão fatal...
Uma fragrância morbida, mortal,
Lhe recuma da seiva peçonhenta...

E esse aroma lânguido e profundo,
Feno de sedções vagas, magnélicas,
De ardor carnal e de atrações poéticas
É esse aroma que envenena o mundo!

Como um clarim soando pelos montes,
A aurora acorda, plácida e inflexível,
As misérias da terra: e a hoste horrível,
Enchendo de clamor os horizontes,

Torva, erga, colérica, faminta,
Surgem mais uma vez e arma-se à pressa
Para o bruto combate, que não cessa,
Onde é vencida sempre e nunca extinta!

Quanto erguem nesta hora, com esforço,
Para a luz matinal as armas novas,
Pulando a luta e as formidáveis provas,
Alegres e cruéis e sem remorso,

Que esta tarde, há-de ver, no duro chão
Caidos e sangrentos, vomitando
Contra o céu, com o sangue miserando
Uma extrema e impotente imprecação!

Quanto também, de pé, mas esquecidos,
Há-de a noite encontrar, sós e encostados
A algum marco, chorando aniquilados
As lágrimas caladas dos vencidos!

E por que? para que? Para que os chamas,
Serena luz, ó luz inexorável,
A vida incerta e a luta inexpiável,
Com as falsas visões, com que os inflamam?

Para serem e brinco dum só dia
Na mão indiferente do Destino...
Clarão de fogo-fátuo repentino,
Cruzando entre o nascer e a agonia...

Para serem, no páramo enfadonho,
A luz de astros malignos e enganosos,
Como um bando de espíritos lastimosos,
Como sombras correndo atrás dum sonho...

Oh! não! luz gloriosa e triunfante!
Sacode emboia o encanto e as seduções,
Sobre mim, do teu manto de ilusões:
A meus olhos, és triste e vacilante...

A meus olhos, és buça e lutuosa
E amarga ao coração, ó luz do dia,
Como tocha esquecida que alumia
Vagamente uma cripta monstruosa...

Surges em vão, e em vão, por toda a parte,
Me envolvas, me penetras, com amor...
Causas-me espanto a mim, causas-me horror,
E não te posso amar — não quero amar-te!

Símbolo da Mentira universal,
Da aparência das coisas fugitivas,
Que esconde, nas moventes perspectivas
Sob o eterno sorriso o eterno Mal,

Símbolo da Ilusão, que do infinito
Fez surgir o Universo, já marcado
Para a dor, para o mal, para o pecado,
Símbolo da existência, se maldito!

AS FADAS

As fadas... eu creio neelas!
Umás são moças e belas,
Outras, velhas de passar...
Umás vivem nos rochedos,
Outras, pelos arvoredos,
Outras, à beira do mar...

Algumas em fonte fria
Excondem-se, enquanto é dia
Saem só ao escurecer...
Outras, debaixo da terra,
Nas grutas verdes da serra,
E' que se vão esconder...

O vestir... são tais riquezas
Que rainhas, nem princesas
Nenhuma assim se vestiu!
Porque as riquezas das fadas
São sabidas, celebradas
Por toda a gente que as viu...

Quando a noite é clara e amena
E a lua vai mais serena,
Qualquer as pode espreitar,
Fazendo roda, ocupadas
Em dobrar suas meadas
De ouro e de prata, ao luar.

O luar é os seus amores!
Bentadinhas entre as flores
Horas se ficam sem fim,
Cantando suas cantigas,
Pando suas estrigas,
Em roda de ouro e marfim.

Eu sei os nomes de algumas:
Viviana ama as espumas
Das ondas nos areais,
Vive junto ao mar, sozinha,
Mas costuma ser madrinha
Nos batizados reais.

Morgana é muito enganosa;
As vezes, moça e formosa,
E outras, velha, a rir, a rir...
Ora festiva, ora grave,
E voa como uma ave,
Se a gente lhe quer bulir.

Que direi de Melusina?
De Titânia, a pequenina,
Que dorme sobre um jasmim?
De cem outras, cuja glória
Enche as páginas da história
Dos reinos de el-rei Merlin?

Umás teem mando nos ares;
Outras, na terra, nos mares;
E todas trazem na mão
Aquela vara famosa,
A vara maravilhosa,
A varinha de condão.

O que elas querem, num pronto,
Fez-se ali! parece um conto...
Mesmo de fadas... eu sei!
São condões que dão à gente
Ou dinheiro reluzente
Ou joias que nem um rei!

A mais pobre criancinha,
Se quis ser sua madrinha
Uma fada... ai que fela!
São palácios num momento...
Beleza, que é um portento...
Riqueza, que nem se diz...

Ou então, prendas, talento,
Ciência, discernimento,
Graças, chiste, discrição...
Vê-se o pobre inocentinho
Feito um sábio, um adivinho,
Que aos mais rábios vai à mão!

Mas, com tudo isto, as fadas
São muito desconfiadas;
Quem as vê não há-de rir.
Querem elas que as respeitem,
E não gostam que as espreitem,
Nem se lhes há-de mentir.

Quem as ofende... Cautela!
A mais risinha, a mais bela,
Torna-se logo tão má,
Tão cruel, tão vingativa!
E' inimiga agressiva,
E' serpente que ali está!

E teem vinganças terríveis!
Demoram coisas horribes,
Que nascem logo no chão...
Línguas de fogo que estalam!
Bápos com asas, que falam!
Um anão preto! um dragão!

Ou deitam sortes na gente...
O nariz faz-se serpente,
A dar pulos, a crescer...
E-se morcego ou veado...
E anda-se assim encantado,
Enquanto a fada quiser!

Por isso quem por estradas
For, de noite, e vir as fadas
Nos altos mirando o céu,
Deve com jeito falar-lhes
Muito cortês e tirar-lhes
Até ao chão o chapéu.

Porque a fortuna da gente
Está às vezes somente
Numa palavra que diz;
Por uma palavra, engraça
Uma fada com quem passa,
E torna-o logo feliz.

Quando às vezes, já deitado,
Mas sem sono, inda acordado,
Me ponho a considerar
Que condão eu pediria,
Se uma fada, um belo dia,
Me quisesse a mim falar...

O que seria? um tesouro?
Um reino? um vestido de ouro?
Ou um leito de marfim?
Ou um palácio encantado,
Com seu lago prateado
E com pavões no jardim?

Ou podia, se eu quisesse,
Pedir também que me desse
Um condão, para falar
A língua dos passarinhos,
Que conversam nos seus ninhos...
Ou então saber voar!

Oh, se esta noite, sonhando,
Alguma fada, engraçando,
Comigo (podia ser!)
Me tocasse da varinha,
E fosse minha madrinha
Mesmo a dormir, sem a ver...

E que amanhã acordasse
E me achasse... eu sei? me achasse
Feito um príncipe, um emir!...
Até já imaginando,
Se estão meus olhos fechando...
Deixa-me já, já dormir!

(Tesouro Poético da Infância)

ZARA

A Joaquim de Araújo

Feliz de quem passou por entre a mágu
E as paixões da existência tumultuosa,
Inconiente, como passa a rosa,
E leve, como a sombra sobre a água,

Era-te a vida um nonho, indefinido
E tênue, mas suave e transparente...
Acordaste, sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido,

Excertos da carta ao Marquês d'Avila, presidente do Conselho de Ministros -- ANTERO DE QUENTAL

SAUDAÇÃO AO PRÍNCIPE HUMBERTO
No dia 22 de outubro de 1862

Exmo. sr. — Pego na pena, mais pesaroso do que irritado. As misérias morais de qualquer homem contristam-me, porque vejo nelas o abateamento da alma humana, que devia falar serena e sem mácula. As misérias morais dos homens, que pela posição, pela autoridade, pelos anos, têm missão de dar o exemplo da justiça incorruptível, e ser como apóstolos entre as nações, essas compungem-me dobradamente, porque vejo nelas a degradação duma coisa augusta, a lei, e o envilecimento duma coisa veneranda, os cabelos brancos. Nada disto, porém, exclui a indignação: somente, é uma indignação entristecida. Porque havia v. excia., velho que eu não conheço, ministro que eu queria respeitar, fazer calar em mim o respeito que é devido aos anos e a posição, e obrigá-me a falar-lhe num tom, que não é o da cólera, mas que é o da indignação, e que pode ser o do desprezo? Se os cabelos brancos, que passam diante de mim, em vez de terem a compostura placida das cabeças dos santos, trazem nos seus anéis emaranhados as palhas da loucura, posso eu deixar de sorrir os esgares do louco, e enrolá-los do meu caminho, se me embaraça?

Vou ser descaído com v. excia., porque v. excia. detrou de merecer a minha caridade.

Dirigindo-me a v. excia., dirijo-me sobre tudo ao público: por isso escrevo pela imprensa. Particularmente não lhe escrevia, porque me preso de não ter por correspondentes sendo pessoas inteligentes, pouco condenadas, e de provada ortodoxia em gramática portuguesa. V. excia. não está neste caso. Além disso, a questão não é pessoal. Para mim o marquês d'Avila é apenas mais um titular: isto é, uma coisa hirta que passa e que dois merceeiros mostram um ao outro. Já vi v. excia. que era impossível incomodar-me, e meros ainda ofender-me. A questão é com um ministro, cujo nome me é indiferente, e com a opinião pública, que tem de julgar os atos desse ministro.

Ora, a portaria com que v. excia. mandou fechar a sala das conferências Democráticas, é um ato não só contrário à lei e ao espírito da época, mas sobretudo atentatório da liberdade de reunião, tão é, daquelas sagradas direções sem as quais não há sociedade humana, verdadeira sociedade humana, no sentido ideal, justo, eterno da palavra.

Pode haver sem elles aglomeração de corpos inertes, que a força da aridez social sustenta justapostos: não há associação de consciências livres. — Além disso é um ato tolo.

Ora, se fosse somente um ato tolo, te-lo-ia cometido v. excia. refletida e conscientemente. Como é muito mais, como é quase uma grande coisa, como é quase um crime contra a dignidade humana, tenho boas razões para supor que v. excia. não soube o que fez. V. excia. contemplava cuidadosamente o seu museu de veneras: entre a contemplação exótica da ordem do Elefante e a contemplação jeráfica da ordem do Camelo, teve uma distração, e fez uma portaria. Obrou como um verdadeiro ministro constitucional. Simplesmente, não se lembrou v. excia. que as pessoas que salpicava com a sua prosa, apesar de não terem o peito coberto de veneras, ou antes, por isso mesma, sentiam nesse peito coragem, dignidade, independência. Um ministro constitucional não podia prever estas excentricidades. V. excia. obrou como quem é: nada mais. Quase que sinto desejo de o aplaudir.

Resta o ato. É ilegal, disse eu. E-o. Ninguém pode ser julgado sem processo, diz a Lei. Fundamental, v. excia. não só julgou sem processo, como também condenou: porque impedir-nos de falar é já uma condenação, e é uma condenação maior ainda atirar sobre as nossas cabeças, apontando-nos à indignação do país, como inimigos da ordem e das crenças públicas, a reprobção universal. Fazer isto contra homens indefesos, com todo o peso da autoridade, do lugar, da reputação, é alem de tudo cobarde.

Diz também a carta constitucional: "Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras e escritos, ou publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem no exercício desse direito". Pois lá estavam, para responder pelas nossas palavras perante os tribunais. Havia lá lugar, para que a autoridade competente pudesse tomar nota dessas palavras. Nenhum de nós falava anônimo, creio eu! Quebra-se acaso os prelos, dum jornal porque esse jornal publicou um, dez, mil artigos repreensíveis? Processa-se cada um dos artigos, e a imprensa continua trabalhando. Além da responsabilidade pessoal de cada conferente, havia dois homens que perante a autoridade se tinham comprometido a responder por quanto ali se dissesse. Um desses homens sou eu. Iria aos tribunais, e suscitava-me-lhe a condenação legal se me condenassem. Não pedíamos impunidade: pedíamos justiça, e só isto era justo. Fechar brutalmente a porta é uma coisa muito diferente. Sabe v. excia. o que é? Não sabe. Pois é, para os que já tinham falado, a condenação sem processo: e é a "censura prévia" para todos os que ainda não tinham falado, nem tinham por conseguinte dado elementos para serem julgados. Supôs-se que diriam coisas feias: "censurou-se previamente": fechou-se a porta. Um inquisidor não raciocinava melhor. V. excia. é inquisidor de "cache-nez".

É um ato contrário ao espírito da época, disse eu. A época é liberal e o ato é despótico. A época é tolerante, e o ato é inquisitorial. A época é inteligente, e o ato é estúpido. A época, que é pensamento, diz à política, que é ação: compreende, interpreta e aplica a minha ideia; a portaria de v. excia. diz ao espírito da época: submete-te à letra da lei, que não compreendes, nem sei, nem quero interpretar. "Interpretar" a lei é o próprio da inteligência, que a razão popular coloca aonde a lei tem de se executar: "impor" a lei, que se não entende, é o próprio da incapacidade em cujas mãos pôs o acaso, por irrisão o poder durante alguns instantes. V. excia. já ouvia falar em Pitt, em Gladstone, em Peel, em Bright, em Russell, em Palmerston? Não ouvia. Pois foram ou são grandes estadistas, num país entre todos de liberdade e legalidade. E sabe v. excia. o que fizeram e o que fazem estes estadistas? Encontravam dum lado, leis velhas, contraditórias, opressivas, mas "leis": leis da idade média, dos Tudors, dos Stuart, católicas, protestantes, de vários tempos, de espíritos variadíssimos... mas sempre "leis": do outro lado encontravam a opinião liberal, tolerante, inteligente, civilizada, mas só "opinão". Que fizeram os estadistas ingleses? Deixaram a "letra" e seguiram o "espírito": interpretaram, concordaram, deram razão à opinião. O que é a lei? é a opinião armada, nada mais. O que é a opinião? é o espírito da sociedade em que vivemos. Os estadistas ingleses são

filósofos: a Inglaterra é um grande povo. V. excia. não é um estadista inglês. É Antonio José da Silva, das ilhas de baixo. (*)

Ah, sr. marquês! em presença de certos fatos (e é este um deles) sinto uma melancolia profunda invadir-me, envolver-me a alma! E assim que, no momento mais solene do século XIX, e num dos momentos mais críticos da nossa história, com os perigos visíveis e invisíveis que correm sobre nós de todos os lados do horizonte, é assim que homens encanecidos na arte, tão cheios de lições e experiência, de governar os outros homens, dão ao mundo o espetáculo da incapacidade, da intolerância, e da mais assustadora ignorância das verdadeiras questões do nosso tempo! São estas as lições com que educam o sentimento público, a opinião? E assim que preparam o futuro? Aonde vamos nós por este caminho? ao absolutismo? não, que não tem força para tanto. Vamos à mais repugnante das dissoluções sociais, à dissolução dos princípios, a gangrena dos espíritos, a morte moral!

O assunto é sério e triste. Já me não posso rir, e a indignação cedeu inteiramente à melancolia que inspira o destino provável duma nação, que os seus "salvadores" se esforcem cada vez mais por condenar irremissivelmente! Já me não posso rir, sr. marquês, apesar de continuar a vê-lo: é que por detrás de v. excia., em redor de v. excia., dentro de v. excia., vejo eu uma coisa bem pouco para riso: um mundo que apodrece!

Este estado de coisas, o estado dos espíritos que ele acusa, não serão a justificação mais eloquente do pensamento e do facto das conferências? a prova luminosa de que eram necessárias, de que eram profícuas? de que estava ali, senão um exemplo a seguir, pelo menos uma tentativa louvável a respeitar, a animar? Pois que! quando os pensamentos se abaixam, quando os caracteres se degradam, quando os princípios se obscurecem, quando as intenções se envenenam, quando os atos públicos revelam a triste anarquia que vel nas consciências... pois que! não será esse o momento próprio, conveniente, necessário, de apelar para a regeneração das ideias, para a propagação dos estudos, para a dedicação das vontades, para a ressurreição moral? Não será esse o momento de dizer cada um a verdade que tem dentro do coração?

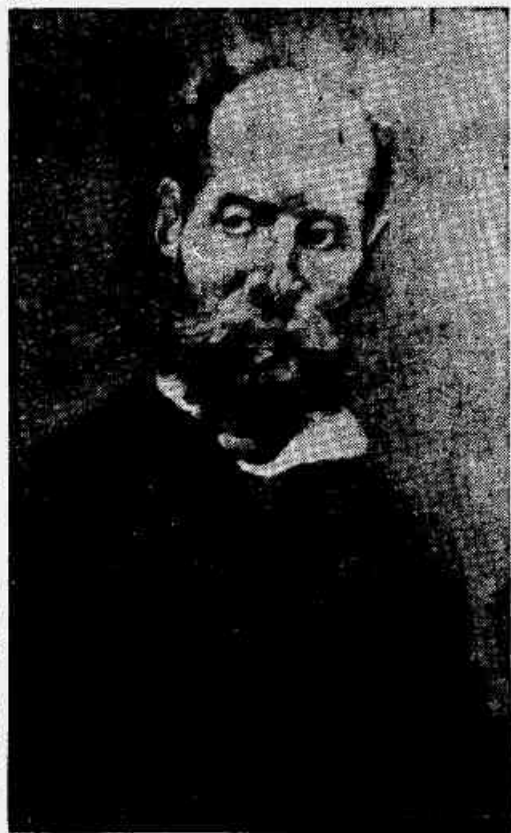
V. excia. diz que não. V. excia. tem 60 anos, é marquês, ministro pela décima vez, governa alguns milhões de homens... e o conselho que nos dá é: com essas honras e esses anos — e nós, rapazes, "é que mintamos!"

E o que tem a dizer à mocidade portuguesa um conselheiro da coroa de Portugal!

Exmo. sr.: nem eu nem v. excia. passaremos à história: e muito menos às insipias portarias que v. excia. faz assinar a um rei sonâmbulo. Mas supondo por um momento que alguma destas coisas possa passar do século XX, fojo de deixar aos vindouros com este escrito a certeza duma coisa: que em 1871 houve em Portugal um ministro que fez uma ação má e tola, e um homem que teve a franqueza caridosa de lho dizer.

Antero de Quental. (Prosas, vol. II).

(*) Antonio José da Silva é o nome verdadeiro do ilustre ministro; seu pai, o honrado plebeu, chamava-se simplesmente "neste José da Silva, Avila", e apenas a máscara aristocrática do "parvenü". Quem diz o que pensa é criminoso: quem renega o nome de seu pai é ministro. "C'est la moralité de cette comédie..."



O último retrato de Antero de Quental

ANTERO DE QUENTAL
(Prosas — Vol. I.)

O MUNDO REAL

Antero de Quental

O mundo real, o mundo visto à luz da ciência é uma coisa atroz...

O naturalismo, ainda o mais elevado e o mais harmonioso, ainda de um Goethe ou de um Hegel, não tem soluções verdadeiras, deixa a consciência suspensa, o sentimento, no que é tem de mais profundo, por satisfazer. A sua religiosidade é falsa, e só aparente; no fundo, não é mais que um paganismo intelectual e requintado. Ora eu debatia-me desesperadamente, sem poder sair do naturalismo, dentro do qual passava para a inteligência e me de envenenar: era a minha atmosfera, e todavia sentia-me sufocar dentro dela. O naturalismo, na sua forma empírica e científica, é o *Struggle for life*, o horror de uma luta universal no meio da esgueira transcendente, é uma dialética gelada e inerte, ou um epicurismo egoístamente contemplativo. Eram estas as consequências que eu via sair da doutrina com que me criara.

(Carta autobiográfica a G. Storck).

A ELEVAÇÃO MORAL

Antero de Quental

A condição da grandeza, da beleza, da bondade, não é o talento, nem a ciência, nem a experiência; é a elevação moral, a virtude da atividade interior, a independência da alma e a dignidade do pensamento e da consciência.

(Bom Senso e Bom Gosto).